

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



ACORDO ORTOGRÁFICO ([consulte aqui](#))

TEXTO DO ACORDO: <http://www.flip.pt/AcordoOrtográfico/TextodoAcordo/tabid/511/Default.aspx>

Os Colóquios da Lusofonia apoiam e debatem desde 2007 o Acordo Ortográfico. Aqui se atualiza o que, de relevante, se diz sobre o tema. Leia notícias e opiniões. Compilação Chrys Chrystello, [Todas as notícias sobre o Acordo ortográfico aqui](#)

*** Estes textos foram escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico***

AS NOTÍCIAS SOBRE O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990 DEIXAM DE TER PERTINÊNCIA A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 2011 E POR ESSE MOTIVO ESTAS PÁGINAS SOBRE O AO AQUI FICAM COMO MEMÓRIA HISTÓRICA DO QUE PRECEDEU A SUA IMPLANTAÇÃO. SE NOVIDADES OCORREREM ELAS SERÃO PUBLICADAS NO BLOGUE DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL, QUE É PRIVATIVO PARA OS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO \\<INTERNACIONAL> DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA.

Algumas Notas ao 2º protocolo modificativo do acordo ortográfico 2008

Logo depois da independência do Brasil, os escritores diziam que não bastava uma independência política de Portugal, era preciso também uma independência cultural. Por isso, o Brasil nunca reconheceu a autoridade linguística de Portugal. As divergências ortográficas foram ocorrendo e, desde 1924, procura-se uma ortografia comum.

Em 1945, chega-se a um acordo de unificação, que se tornou lei em Portugal no mesmo ano. No entanto, como o Parlamento Brasileiro não o ratificou, a ortografia brasileira continua a ser regida pelas disposições de 1943.

Não faz sentido teimar em manter a obediência ao Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa, celebrado entre Portugal e o Brasil em 1945 (quando ainda não havia televisão a cores, telemóveis ou Internet), acordo esse recauchutado no final do marcelismo com a exterminação dos acentos nos advérbios de modo. O que distingue um língua viva de uma língua morta é precisamente o facto de estar em permanente evolução. Seria um esforço inútil não reconhecer as mudanças. Por alguma razão, não falamos latim. São os utentes menos cultos que fazem evoluir as línguas, que tendem para a simplificação e para a contaminação da escrita pela oralidade. Num momento em que escolas neozelandesas já aceitam que os alunos usem nos testes a escrita abreviada das SMS, seria tolo Portugal persistir em manter-se alheado do segundo protocolo do novo Acordo Ortográfico.

O novo acordo, debatido desde 1986, culminou das negociações de especialistas incluindo Lindley Cintra, Malaca Casteleiro, Lurdes Belchior, Fernando Cristóvão e António Houaiss, e foi assinado pela primeira vez em 1990, por sete países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Devia entrar em vigor em Dezembro de 1994, mas só Portugal e o Brasil ratificaram o acordo. Quatro anos mais tarde, em 1998, um protocolo modificativo definiu que o acordo entraria em vigor assim que assinado pelos sete países. Só Portugal e o Brasil voltaram a ratificar.

Em 2004, um segundo protocolo modificativo não estabeleceu data para a entrada em vigor, mas deixou claro que bastava ser ratificado por três países. Brasil, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe ratificaram. Portugal fez compasso de espera. Uma das questões que se me põem é por que é que a origem popular de certas palavras da nossa língua só pode ser válida se ocorrer no “jardim à beira-

Corretor FLiP8

Escreve em Português, certo? E está a usar o Novo Acordo Ortográfico, ou escreve como sempre escreveu?

Também escreve em algum destes idiomas: Inglês? Francês? Espanhol? Alemão? Italiano?

Se escreve em qualquer um dos 6 idiomas acima, este novo produto é importante para si.

Acabou de sair o novo FLiP8! Esta é a mais recente, e mais completa versão, do melhor corretor ortográfico e gramatical existente para Português. Para além disso ainda pode também corrigir a sua escrita nos outros idiomas referidos. Mas há mais...

Pode escolher o nosso Português ou o Português do Brasil, e para ambos, pode escolher as regras do Novo Acordo Ortográfico, ou manter as regras com que sempre escreveu.

O FLiP8 integra-se com o Microsoft Office, com o OpenOffice, e com muitas outras aplicações, mas inclui também um editor de texto próprio, caso necessite. Integrando-se com os dois produtos acima, virtualmente qualquer pessoa consegue usar o FLiP8 sem ter de mudar nada. Mas o FLiP8 ainda faz mais coisas:

Inclui conjugador de verbos tanto para Português como para Espanhol. Inclui dicionários temáticos para que possa usar linguagem específica em diversas áreas como por exemplo Artes, Ciências da Saúde, Ciências Exatas, Ciências Sociais, etc.

Embora o FLiP não seja um software de tradução, ainda assim inclui "auxiliares" que facilitam esse trabalho, caso seja necessário.

Tem também um conversor de textos para o Novo Acordo Ortográfico, permitindo-lhe converter documentos inteiros de forma muito rápida.

Qualquer uma das características acima, só por si e em separado, valia mais de 50 euros, o que levaria a que um produto deste género pudesse custar facilmente mais de 200 euros. No entanto o FLiP8 tem um preço muito inferior.

Por apenas € 51,30 (+IVA) tudo isto pode ser seu. E se o FLiP for usado em ambiente doméstico, por estudantes ou famílias, uma só licença do FLiP8 pode ser instalada em até 3 computadores, ficando o preço por computador muito baixo.

A versão integral do FLiP8 pode ser comprada em formato eletrónico (em <http://www.sectorzero.pt/flip>), ou numa caixa tradicional com CD. O formato eletrónico fica mais barato porque não terá de pagar despesas de entrega e é entregue instantaneamente por email.

Se tiver o FLiP5, 6, ou 7 pode comprar a versão de upgrade (apenas em formato eletrónico), e fica ainda mais barato. Se tem uma versão anterior ao FLiP5 então terá de comprar a versão "completa".

Recomendamos que faça a sua encomenda em formato eletrónico, mas se não quiser fazer o pagamento online com um cartão de crédito, telefone-nos para o 210-300-300 para poder pagar com uma referência Multibanco ou por transferência bancária. Telefone-nos também se quiser comprar mais do que uma unidade para lhe podermos dar o desconto correspondente.

Se tiver alguma questão, telefone 210-300-300 ou contacte-nos pelo email vendas@sectorzero.pt.

Faça já a sua encomenda do FLiP8: <http://www.sectorzero.pt/flip> e tenha o produto consigo em poucos minutos. Caso tenha alguma dificuldade, com a compra, telefone-nos.

Cumprimentos,

Fernando Santos SECTOR ZERO, SA - Especialistas em Software <http://www.sectorzero.pt>
210-300-300

Tel:

PS - Sei que está a pensar que se calhar não faz lhe falta uma ferramenta destas. Mas não há nada pior do que escrever com erros tanto a nível profissional como a nível escolar. E não quer dizer que não saibamos escrever, mas gralhas acontecem e por vezes deixam-nos bastante envergonhados.

Pelo preço do FLiP, não vale a pena correr riscos. O produto é excelente, e estou certo que não se irá arrepender. E se for para uso doméstico, lembre-se que pode instalar em até 3 dos seus computadores.

Encomende agora: <http://www.sectorzero.pt/flip>

SECTORZERO
especialistas em software



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

mar plantado”, onde só habitam 3,33% dos 300 milhões de lusófonos. Temos de compreender que, a nível internacional, não há futuro para a língua portuguesa sem o Brasil. E está o Brasil empenhado em fazer do português um instrumento de afirmação externa? Não esteve, mas começa a estar. O Brasil está a começar a perceber que um instrumento fundamental para a afirmação de um poder à escala regional ou mundial é a afirmação de uma língua. Ora se o português é a quarta língua, em termos culturais, a nível mundial, pois não tem as limitações geográficas do russo, do chinês ou do hindu, significa que tem uma capacidade única de se afirmar e nada melhor do que através dum acordo que reconhece as diferenças e afirma as similaridades.

O grande mestre gramático **Evanildo Bechara**, patrono dos Colóquios Lusofonia diz que além de regras, a língua portuguesa têm variações: a escrita, a falada, a exemplar, a culta, a formal, a informal, etc. O certo, no caso, é ser 'poliglota na própria língua, que deve ter desde o domínio da escrita de um texto formal até a consciência a respeito de uma conversa com um analfabeto. Muita gente pensa que a língua é unitária, homogénea, sem variedades.' A ocasião faz o falante. Essa coisa que parece óbvia não é simples: a língua deve ser usada de acordo com a vontade efetiva de fazer entender-se. 'O uso reflexivo da língua é uma exigência da boa transmissão de ideia.'

Embora tenha incorporado novidades dos estudos linguísticos, como as teorias do romeno Eugénio Coseriu e a distinção entre diacronia e sincronia, proposta pelo francês Ferdinand Saussure, a lição da sua gramática é a mesma em mais de 40 anos: um professor não pode se restringir a ensinar a diferença entre sujeito e predicado. Tem de ensinar os efeitos da consciência desse saber no uso quotidiano da língua. O emprego das habilidades linguísticas, Bechara alerta, transita entre os polos da liberdade e da opressão. Língua é poder.

Ou mais do que isso. 'A troca da sua língua é quase igual à troca da sua própria alma, segundo dizia Gaston Paris, um filólogo francês do século 19.' Um gramático tradicional, mas nunca um purista, Evanildo Bechara preocupa-se com a língua exemplar, a da gramática, cuja fonte está nas obras de escritores consagrados. Ele afirma continuar forte a ideia de que é possível escrever como se fala. A consequência de tal pressuposto é a valorização da língua falada em detrimento da escrita. A língua exemplar não pode cair na mão de pessoas despreparadas, que ditam lições inventadas em 'consultórios gramaticais', como as secções de jornais nas quais se discutem dúvidas elementares, para preencher as lacunas que os leitores trazem do sistema educacional brasileiro.

Já o outro patrono dos Colóquios da Lusofonia em Bragança e nos Encontros Açorianos da Lusofonia, o linguista João **Malaca Casteleiro** afirma que “vivemos numa «aldeia global», onde a alfabetização é cada vez mais importante, e a simplificação da ortografia seria uma ótima solução para tornar o processo de alfabetização mais fácil e eficiente. É muito mais fácil para uma criança aprender a escrever ação sem c, ou ótimo sem p, e não seria tão grande o sacrifício para um adulto que já sabe ler e escrever”.

É extremamente importante que os falantes do Português de vários países sejam alfabetizados e a alteração que o novo acordo propõe vem ao encontro desta necessidade. Hoje vive-se uma fragmentação da Língua Portuguesa. Tendemos a limitar o Português a Portugal e aos países de Língua oficial Portuguesa mas em Angola, 40% já reconhecem o Português como língua materna, quando em 1992 eram apenas 12 por cento. Há 20 anos que se discute o novo acordo ortográfico da língua portuguesa e eu continuo a ouvir dizer que deveríamos respeitar a ortografia "natural" de cada país. O que isto tem de extraordinário é as pessoas acreditarem que a ortografia é "natural".

Pois bem, não só a orthographia não é "natural" como a intenção é precisamente a de não acompanhar a naturalidade com que se fala. Se assim fosse, os portugueses escreveriam "Puârto" e os lisboetas "Ljboa". Os cariocas não escreveriam "boa noite" mas "boa noitchi". Não há nada de



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

errado em a ortografia ser uma norma "artificial": é para isso que ela existe. A ortografia oficial serve para se usar em documentos oficiais.

Certamente expandir-se-á para outros usos, por inércia ou pragmatismo, mas que tem isso de mal? Fernando Pessoa continuou a escrever "monarchia" em vez de "monarquia" muito depois da reforma de 1911 e não veio daí mal ao mundo. Tal como na blogosfera já existem portugueses e galegos a escrever segundo o acordo antes de ele entrar em vigor. Outra das coisas se dizem erroneamente são os argumentos protecionistas de que o acordo ortográfico vai permitir aos brasileiros entrar no mercado dos livros escolares em África. E a pergunta que faço é: em que mercado é que as editoras portuguesas entraram? Em Angola ou Moçambique para onde mandam os monos que cá não conseguem vender ou obras fora de prazo? Se a África lusófona, que precisa de livros e alfabetização, for inundada de edições brasileiras baratas numa ortografia comum, isso é bom para os africanos em primeiro lugar, e eu fico contente por eles. E se as editoras portuguesas, que aliás são cada vez mais detidas por espanhóis e outros estrangeiros, não tiveram tempo para se adaptar a um acordo ortográfico que há 15 anos se sabe que vem aí, então estamos pior do que eu pensava. Chrys Chrystello Maio 2008.

"Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente, Mas odeio, com odio verdadeiro, com o unico odio que sinto, não quem escreve mal portuguez , não quem não sabe syntaxe , não quem escreve em orthographia simplificada, mas a pagina mal escripta , como pessoa própria, a syntaxe errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ípsilon, como escarro directo que me enjoja independentemente de quem o cuspiisse." Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego, a propósito da Reforma Ortográfica de 1911

O novo corretor ortográfico assinalou a amarelo os erros mas o sentido das palavras de Fernando Pessoa continua fácil de entender mesmo com a velha orthographia e syntaxe. Sempre houve e haverá argumentos pró e contra as Reformas e os Acordos; mas a língua é um organismo vivo com a sua própria evolução. Poucos hoje seriam capazes de ler um texto original do século XV ou XVI. Como já o dissemos, repetidas vezes, o principal problema dos portugueses (muitos) é reivindicarem algo que não é seu: a língua, que espalharam pelos quatro cantos do mundo sem olhar a raças, cor, religião ou credo. Os nossos filhos usarão o novo (?) Acordo de 1990 e proporão novos acordos relegando palavras a arcaísmos e criando novas, revitalizando outras.

Acrescento (Dezembro 2009-Março 2010), pouco ou nada mudou e não se institucionalizou o uso do novo acordo em Portugal. Um bom sintoma é a introdução das novas normas na agência noticiosa oficial LUSA que vai "forçar" alguns oragos de informação a aceitarem as novas normas sob risco de perderem tempo a revertê-las para o anterior acordo. Tergiversam os ministros e as ministras, adiam, postergam, como se a língua de todos nós pudesse esperar mais tempo. Alegam manuais e outras coisas mais tentando satisfazer os insatisfeitos e deixando insaciados os que aceitam as novas normas. As vozes discordantes pululam, como sempre, a mudança é alérgica ao gene português europeu. Ouvem-se os mais díspares disparates e aleivosias contra o Acordo, alguns jornais ajudam, pois serve para aumentar a circulação e manter viva a chama portuguesa dum "patriotismo" mais "patrioteiro" que qualquer nacionalismo bacoco. Ninguém protesta contra os milhares de erros ortográficos e de atropelos à gramática nos jornais, na TV, nas legendas de filmes e em toda a sociedade em geral, com o excelente exemplo dado por ministros analfabetos. Com isso ninguém se preocupa desde que se não mexa na "NOSSA" língua portuguesa. Nós iremos continuar, nos

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

colóquios, a pugnar pela imediata introdução das reformas a todos os níveis na língua de todos nós e não dos portugueses.



Historial de notícias (a favor e contra)

1)

Acordo ortográfico fortalecerá difusão mundial do português, defende director do Museu da Língua
<http://www.ionline.pt/conteudo/52060-acordo-ortografico-fortalecera-difusao-mundial-do-portugues-defende-director-do-museu-da-lingua>

por Agência Lusa, Publicado em 21 de Março de 2010 |

O acordo ortográfico fortalecerá a difusão mundial do português e aproximará os países lusófonos, com a valorização da diversidade e da riqueza do idioma, disse à agência Lusa o diretor do Museu da Língua.

António Sarti afirmou que o acordo ortográfico pode desagradar a muitas pessoas, num primeiro momento, mas representa um importante passo "para que o belo idioma se desenvolva livremente em cada país".

"Nossa língua, tenho certeza, além de bela é sábia", salientou o diretor, que participará em Brasília na conferência internacional sobre o futuro da língua portuguesa, entre os dias 25 a 31 de março.

"Sou muito otimista com o futuro de nossa língua, pois o português é a sexta mais usada no mundo [a quinta como língua nativa], a terceira do ocidente, e cada vez mais se torna conhecida e reconhecida", sublinhou.

"O Brasil é uma das maiores economias do mundo, Portugal é um país extremamente importante no cenário mundial e europeu e a tendência é que os demais países também ocupem locais de destaque no continente africano e no mundo, quer por suas riquezas naturais, patrimoniais e históricas e, também, económicas, caso de Angola e o petróleo", disse.

Em Brasília, o Museu da Língua Portuguesa apresentará, durante a conferência internacional, uma exposição com parte de seu acervo permanente, como vídeos sobre a origem do português, e também criações especialmente pensadas para o encontro.

A mostra "Linguaviagem" será a primeira realizada pela instituição fora de suas instalações, em São Paulo, para apresentar um pouco da diversidade literária dos oito países de língua oficial portuguesa.

Sarti disse que a conferência internacional, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, será um espaço "privilegiado" de troca e de aproximação entre os países da CPLP.

Criado em 2006, o Museu da Língua Portuguesa ocupa parte das centenárias instalações de uma estação do Metropolitano de São Paulo e um dos cartões de visita da maior cidade brasileira.

A instituição apresenta a história, a importância e as variações da língua portuguesa, além de promover cursos e eventos para professores, estudiosos e o público em geral.

2) **Moçambique defende expansão da língua portuguesa**

Lisboa (Dos enviados especiais) 10março010 – A presidente da Assembleia da República de Moçambique, Verónica Macamo, disse, terça-feira, em Lisboa, que apesar da importância do Acordo Ortográfico da CPLP, os estados membros deviam preocupar-se mais com a expansão da língua portuguesa. Em declarações à Angop, no quadro da II Assembleia Parlamentar da CPLP, Verónica Macamo afirmou que Moçambique é a favor do acordo, mas os países devem continuar a introduzir novos elementos para o enriquecimento da língua visando a sua afirmação do plano internacional. Em seu entender, a implementação do acordo ortográfico está mais próxima, mas é preciso compreender a dinâmica e as especificidades de cada país.

3) **Angola pede 3 anos para aderir ao Acordo Ortográfico 09-Mar-2010**

http://www.correiodopatriota.com/index.php?option=com_content&task=view&id=8431&Itemid=229

Correio eletrónico: colouquioslusofonia@gmail.com ou

lusofonia@sapo.pt REDE: www.lusofonias.net

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Os representantes angolanos pedem integração do seu vocabulário no comum: Angola solicitou um espaço de três anos para aderir ao Acordo Ortográfico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, decorrendo da necessidade da inclusão do vocabulário nacional na comunidade. A informação foi prestada segunda-feira, em Lisboa, pelo deputado Luís Reis Cuanga, integrante da delegação angolana à II Assembleia Parlamentar da CPLP, chefiada pelo líder da Assembleia Nacional, Paulo Kassoma. **Segundo o parlamentar, Angola, que juntamente com Moçambique, ainda não ratificou o acordo, solicitou três anos para que se possa implementar na totalidade este instrumento, pois entende "que deve haver reciprocidade na sua aplicação, defendendo que haja integração do vocabulário angolano no comum"**. Para Reis Cuanga, deve haver uniformização na escrita, como exemplificou, escreve-se "kwanza" em vez "cuanza" como se pretende no novo acordo, porque o alfabeto não contém as letras "K", "Y" e "W". Por outro lado, disse, Angola tem contribuído com todo o seu saber para reforçar a amizade entre os povos da CPLP e vai transmitir nesta assembleia ideias no sentido de ajudar a organização a resolver os problemas da comunidade. Fazem também parte da comitiva angolana os deputados Cristóvão da Cunha, João Melo, Lúcia Tomás e Lukamba Gato.

4) Academia Brasileira de Letras decidiu pôr a disposição a 5ª edição do VOLP

Contrariamente ao que se antevia, a Academia Brasileira de Letras decidiu pôr a disposição a 5ª edição do VOLP (Vocabulário Ortográfico na Língua Portuguesa), [para consulta em linha. No próprio sítio da ABL \(academia.org.br\)](http://academia.org.br) ; Nossa Língua; Busca no Vocabulário), há um sistema de busca que abrange 381.000 verbetes, com as respetivas classificações gramaticais, além doutras informações, conforme descrito no Acordo Ortográfico. Para pesquisar no Vocabulário, o usuário pode digitar a palavra inteira ou parte desta, seguida dum asterisco.

Parabéns à Academia Brasileira de Letras pelo passo dado, contando agora com o VOLP -pesquisa em Linha.

Facilita e é pedagógico. Vamos divulgar. Quanto à iniciativa anunciada no jornal Público dos cidadãos portugueses contra o acordo ortográfico, julgo que a maioria dessas pessoas desconhece a necessidade de se adotar o acordo ortográfico pela sobrevivência da língua portuguesa. O problema não é o Brasil e Portugal mas os outros países onde a língua portuguesa não é a língua mãe. Como Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-leste, etc. Importante que se adote nesses países uma ortografia única e também que nos fóruns mundiais ou regionais o mesmo aconteça. Estão a fazer uma tempestade num copo de água e tentar transformar esse mal-estar num problema nacionalista, confundido a sociedade.

Concordei com a leitora que critica esse grupo, dizendo:

"É o falar por falar, é a vontade de ir contra, é a vontade de ficar na mesma como se tudo estivesse bem. Se o novo acordo ortográfico que entrou em vigor a partir de Maio de 2009, não tivesse, para Portugal, a supressão das consoantes mudas, o Brasil teria muito mais alterações na sua ortografia que os Portugueses... A mesma supressão é facultativa na sua maioria (a saber, informem-se!). Deixem-se de tretas e tentem revogar leis bem mais penalizadoras para o dia-a-dia de todos os cidadãos. Deixai as crianças aprender a escrever tal e qual como falam os adultos, quiçá seja esta uma forma de lhes incutir um maior gosto pela leitura! Tenho dito!"

Pois é. Muito bem dito. Vamos em frente. E não perder tempo com esta agente. Saudações, Margarida Castro in Diálogos Lusófonos 2 março 2010

5) Cidadãos lançam iniciativa contra acordo ortográfico no Facebook Informativo-Notícia 2010-03-01 08:04:00

Pouco depois, e apesar da hora tardia, começou a receber respostas positivas. Hoje diz que a iniciativa já conta com perto de 47 mil apoiantes no Facebook, e por isso acredita que, uma vez redigida a ILC por um grupo de juristas, não será difícil reunir as 35 mil assinaturas necessárias para a levar ao Parlamento. Não é uma iniciativa "de estrelas", embora tenha o apoio de algumas figuras públicas, entre as quais o advogado Garcia Pereira, a escritora Alice Vieira e a atriz Lídia Franco. O facto de a nova grafia já ter sido adotada por alguns jornais e pela agência noticiosa Lusa não o desanima. "Uma lei pode ser revogada, alterada ou suspensa. O que as pessoas desconhecem é que têm mais poder do que pensam". Até hoje em Portugal só houve uma ILC, apresentada pela Ordem dos Arquitetos em 2007 para revogar a Lei n.º 73/73. E teve sucesso. Neste momento há um grupo base de oito pessoas - do qual João Graça tem sido o "rosto" público (apesar de não aceitar ser fotografado), alimentando a causa no blogue Apdeites, onde cita, por exemplo, os AC/DC para dizer que o tempo poderá passar a dividir-se entre "antes do C e depois do C" (o acordo prevê a queda das consoantes mudas) e que corremos o risco de voltar à escuridão - Back in black, como o título do álbum da banda australiana. O objetivo é conseguir "para ontem" a ILC redigida e entregue aos deputados. "A partir do momento em que dá entrada na Assembleia, há um prazo de 30 dias para ser discutida. Temos que a entregar antes das férias dos deputados, senão cai no início do ano escolar", explica João Graça. "Não sou ninguém, sou um anónimo", sublinha. "E nunca vi os outros sete promotores. Mas isto prova que as redes sociais funcionam". Foi o Manifesto pela Língua Portuguesa contra o Acordo Ortográfico, assinado entre outros pelo poeta e tradutor Vasco Graça Moura e pelo linguista António Emiliano, que levou Graça a empenhar-se mais nesta causa. Mas hoje considera que esse manifesto - que recolheu mais de 110 mil assinaturas e foi debatido no Parlamento em Maio - se tornou "um desperdício". "Pode até ter um efeito pernicioso, porque as pessoas assinam e ficam descansadas, desmobilizadas". E não tem, na sua opinião, o peso que uma ILC pode ter. A advogada Patrícia Lousinha vai coordenar a redação da ILC, e

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

João Graça contribuirá "com os necessários elementos argumentativos". Por exemplo, que "este acordo só vale para um lado, que é o Brasil", que "não tem absolutamente nenhuma vantagem para Portugal", que "muitos tradutores vão ficar sem trabalho porque o custo de vida é mais alto na Europa que no Brasil e um tradutor em Portugal tem que cobrar mais", que não faz sentido dizer "que os brasileiros são a maioria - ou será que a língua é decidida por votação?". O argumento de que já houve outros acordos ortográficos e que não destruíram a língua também "não colhe". "Agora estamos a falar de uma reforma profundíssima e que afeta exclusivamente um lado". O que está em causa, acrescenta, é a língua, "um símbolo nacional". Referindo-se aos 1,6 por cento de palavras que em Portugal são alteradas com o acordo, compara com um monumento: "Já viu o que acontecia se 1,6 por cento das pedras da base da Torre de Belém fossem retiradas? Com a língua é a mesma coisa." ▲

6) Reforma ortográfica, um quebra-cabeça em Portugal

Da France Prece

<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1499170-7084,00-REFORMA+ORTOGRAFICA+UM+QUEBRACABECA+EM+PORTUGAL.html>

Para os linguistas, se a consoante é muda, desaparece. Se é pronunciada, deve continuar sendo escrita, mas para a maioria dos portugueses, a reforma ortográfica é um quebra-cabeça que só é aplicada por quem deseja. Depois de 20 anos de debates, o acordo que deve unificar a ortografia dos oito países lusófonos, que já é aplicado no Brasil, começou a ser adotado em Portugal, de forma desordenada. Um jornal esportivo, Récord, foi o primeiro a aplicar a reforma, ano passado. No início de fevereiro, a agência de notícias Lusa advertiu os clientes que a partir daquela data seus textos seriam escritos de acordo com o novo acordo ortográfico. Oficialmente, Portugal estabeleceu prazo até 2014 para aplicar o acordo, assinado em 1990 e que entre outros pontos prevê o abandono das consoantes mudas, novas regras de acentuação e a adoção do alfabeto de 26 letras, com a incorporação do "k", "w" e "y". Durante o "período transitório", as duas versões serão aceitas nas escolas, depois que o ministério da Educação adiou várias vezes a entrada em vigor das novas regras. Ao mesmo tempo, muitas pessoas querem fazer cursos de formação. No sábado da semana passada, 20 professores, tradutores e editores se reuniram em uma sala do Museu do Oriente, em Lisboa, para assistir ao curso do linguista João Malaca Casteleiro, um dos "pais" do acordo ortográfico. Visivelmente perplexos, os alunos anotaram escrupulosamente em seus cadernos que o "p" desaparece da palavra "Egipto", mas não no caso de "egípcio". Elisabete Rodrigues, uma professora de 52 anos, explicou que se inscreveu no curso porque "até agora há muita polêmica, mas pouca informação científica". Isto acontece pelo fato da reforma, que afeta 1,6% das palavras do português de Portugal e a 0,45% do português do Brasil, estar longe de ser aceita de forma unânime. Para os opositores, o acordo significa a "abdição cultural" de Portugal diante da potência comercial do Brasil, sua antiga colônia. "É uma reforma ortográfica ruim e um instrumento político do expansionismo brasileiro", afirma o linguista Antonio Emiliano. Do outro lado, Luís Miguel Viana, diretor de informações da agência Lusa, defende a tese de que "uma ortografia única abrirá uma perspectiva de mercado importante, em particular no Brasil", que tem 190 dos quase 230 milhões de lusófonos. Depois da Lusa, vários jornais anunciaram que adotarão a nova ortografia de forma progressiva. Mas a confusão prossegue, já que existem casos como o de um jornal regional que anunciou a aplicação de 70% da reforma em um primeiro momento. "É um absurdo", reclama Nuno Pacheco, subeditor do jornal Público, que decidiu entrar na "resistência contra uma reforma cheia de contradições". "Nossos filhos têm que ler jornais que não respeitam a ortografia que aprendem na escola", afirma. "Estão tentando inventar uma língua única que não existe. A verdade é que, como em francês ou inglês, há muitas variantes do português, de acordo com o que se fala em Brasília, Lisboa, Maputo ou Dili", destaca. Pensando nos diferentes usos linguísticos, a nova norma estabelece que algumas palavras terão uma ortografia diferente ou "facultativa". "O mais difícil é compreender que, de agora em diante, teremos várias maneiras de escrever corretamente algumas palavras", suspira Elisabete Rodrigues.

7) "Português correcto" João Pedro Graça: Contra o Acordo Ortográfico - marchar, marchar

Caros subscritores da Causa "Não queremos o Acordo Ortográfico", 20 fevereiro 2010

De forma extremamente resumida, passamos a dar-vos conta daquilo que vem dar resposta ao que, desde o dia 5 de Dezembro do ano passado, todos nós pretendíamos; como podereis ler, já de seguida, finalmente conseguimos algo de concreto.

1. Ficou hoje acordado com a Sr.ª Dr.ª Patrícia Lousinha que será ela mesma, em colaboração com outros advogados seus associados, quem redigirá a Iniciativa Legislativa de Cidadãos (ILC) que propomos. Na elaboração daquele documento, participará também o autor desta página, contribuindo com os necessários elementos argumentativos - de um ponto de vista técnico, histórico e de património da Língua - e com todos os dados necessários para a respetiva sustentação.

2. Estando resolvido o entrave principal à apresentação da ILC (a sua redação por pessoas habilitadas para o efeito) e não sendo já, por conseguinte e pelos motivos enunciados em comunicado anterior, necessário continuar a esperar pelo

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

patrocínio de uma entidade nacional, avançaremos nós mesmos com esse patrocínio, através da criação imediata de uma Associação própria.

3. Será formada uma Comissão Representativa, para apresentação da ILC na Assembleia da República, constituída por dois dos advogados que a redigiram (um deles será, evidentemente, a jurista citada) e por três dos dirigentes da referida Associação (a criar). Isto não é o fim da luta, ainda muito haverá para fazer ou, aliás, o verdadeiro trabalho começa a partir de hoje, mas ainda assim é com imensa alegria que podemos dizer esta coisa tão simples mas tão grata: finalmente, conseguimos! Saudações lusófonas. JPG/ Página da Sr.ª Dr.ª Patrícia Lousinha no Facebook:

<http://www.facebook.com/profile.php?id=1289777575&ref=ts>

8) **Governo adota Acordo Ortográfico nas próximas semanas *Márcia Galvão 15/02/10 00:05***

9) **<http://economico.sapo.pt/noticias/governo-adopta-acordo-ortografico-nas-proximas-semanas> 81656.html**

Cultura, Educação e Negócios Estrangeiros reúnem esta semana para "homogeneizar regras".

O Governo promove esta semana uma reunião interministerial entre os ministérios da Cultura, Educação e Negócios Estrangeiros para "homogeneizar todos os procedimentos" e avançar com o Acordo Ortográfico ao nível da sua estrutura. A informação foi avançada ao Diário Económico pela ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, que garantiu que no seu próprio gabinete, "nas próximas semanas já todos os emails, comunicados e documentos serão escritos ao abrigo das novas regras". "Será também uma questão de semanas", garante a ministra, para que todo o Governo tenha adotado o novo Acordo Ortográfico a nível interno. Por escolher continua ainda o vocabulário que será formalmente instituído como única referência oficial. A escolha será entre o novo Vocabulário Resumido da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, com 90 mil palavras, e que tem essa delegação de competências atribuída, ou o vocabulário organizado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional e que contém 150 mil palavras.

10) **Informativo-Notícia 2010-02-08 13:43:00 Vocabulário Ortográfico do Português disponível na Internet**

11) **Produzido pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), o vocabulário reúne uma extensa lista de palavras com indicações de ortografia, categoria morfosintática e peculiaridades de flexão, caso existam. Nesta primeira fase, o VOP, concebido para consulta na Internet (www.portaldalinguaportuguesa.org), integra 150 mil palavras do vocabulário geral, num projeto submetido ao Fundo da Língua Portuguesa. Este fundo agrega quatro ministérios - Negócios Estrangeiros, Cultura, Educação e da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior - e é gerido pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. Até ao fim deste mês, o Portal da Língua Portuguesa disponibilizará ainda o Lince, que permitirá converter textos em formatos DOC, PDF, ODT, RTF e TXT. Os verificadores ortográficos são extensões para o Microsoft Office Word e Outlook 2003 e 2007 e para o OpenOffice.org que permitem verificar a ortografia dos textos enquanto são digitalizados. Ambas as ferramentas integram os dados do VOP. Em Abril, o VOP passará a dispor de mais de 200 mil entradas do vocabulário geral e seis dicionários: estrangeirismos, topónimos e gentílicos, nomes próprios, expressões latinas, unidades de medida e abreviaturas. O VOP e os recursos a ele associados estão disponíveis gratuitamente e visam fazer face às necessidades do público em geral e dos profissionais que trabalham com a língua portuguesa, para que a redação do Português seja consonante com a nova ortografia em vigor.**

12) **Media: Expresso e Diário Económico vão adotar Acordo Ortográfico**

Lisboa, 30 jan (Lusa) - Os jornais Expresso e Diário Económico vão adotar nos próximos meses as normas do Acordo Ortográfico, à semelhança do que a agência Lusa começou a fazer hoje, disseram os diretores destes títulos. "Faz sentido a comunicação social portuguesa adotar o Acordo Ortográfico. O Expresso vai, seguramente, adotá-lo e só ainda não o fez porque temos alguns problemas técnicos relacionados com o sistema editorial e com o corretor ortográfico que estamos neste momento a tentar superar", disse à Lusa o diretor do semanário, Henrique Monteiro. O diretor do Expresso prevê, no entanto, que "seja uma questão de meses" até que o jornal adote as normas do Acordo Ortográfico.

<http://aeiou.visao.pt/media-expresso-e-diario-economico-va-adotar-acordo-ortografico=f546240>

13) **Acordo Ortográfico: VOLP gratuito na Internet sexta-feira, 29 de Janeiro de 2010 | 12:16**

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), publicado em Outubro de 2009 pela Porto Editora, está disponível gratuitamente na Internet, anunciou hoje a editora.

A obra está disponível em www.infopedia.pt.

A responsável do departamento de dicionários da Porto Editora, Graciete Teixeira, justifica a disponibilização da obra na Internet com a fase de transição ortográfica face à aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Diário Digital / Lusa

14) **Opinião Leonel Moura Acordo Ortográfico leonel.moura@mail.telepac.pt 29 janeiro 2010**

http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS_OPINION&id=407427

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Uma pequena livraria da cidade de Pirenópolis, que fica a 130 quilómetros de Brasília e tem uma população de vinte mil habitantes, dava, no mês passado, um grande destaque ao Acordo Ortográfico. Na montra tinha um cartaz muito festivo sobre o assunto, rodeado de dicionários, recortes de jornal, endereços na Internet onde se podem descarregar alguns conversores. Entrei e confirmei que o entusiasmo se estendia ao livreiro. Achava ele, na sua inocência, que graças ao Acordo iria passar a ter mais livros de autores portugueses para vender. Não o quis desiludir. Comprei-lhe um livro do Bukowski, que não vem ao caso. Com o Acordo em vigor desde 2009 o Brasil já vai muito à frente na sua implementação. Programas nas escolas, destaques nos sites dos Ministérios da Cultura e da Educação, discursos do Presidente Lula. Por cá continua tudo a dormir. Por um lado, isso deve-se ao lusitano culto da sonolência que leva a que ninguém faça nada a menos que seja obrigado. Por outro, temos a habitual confusão que sempre se lança sobre qualquer assunto relevante, neste caso com uma parte da chamada intelectualidade a considerar a língua intocável porque sua propriedade. Nunca entendi este apego tão fanático à língua. A frase de Pessoa, a minha Pátria é a língua portuguesa, é certamente a mais citada do catálogo de citações apropriadas para o café, o salão nobre ou a TV. Não há escritor, artista ou ator que não manifeste a sua piedosa devoção pela nossa língua, um pouco ao estilo das promessas que fazem sangrar os joelhos. Fala-se então, de lágrima ao canto do olho, do português de Portugal como um sistema cristalino, uma pérola da civilização humana que não se pode deixar morrer ou sequer tocar. E, no entanto, o português, tal como acontece com praticamente todas as línguas, é uma grande confusão de linguagens e linguajares que emergiu da dinâmica própria do tempo, esse grande gramático. Basta pensar num transmontano a falar com um algarvio, ou ainda mais radical, com um açoriano. Dirão que isso é uma questão de dialeto e não de língua e muito menos de ortografia, pois estas são bastante estáveis. Mesmo isso é duvidoso. Existe aliás um fenómeno, bem comprovado graças à televisão, que sugere uma enorme maleabilidade e propensão para a mutação. Qualquer português que esteja fora do país mais de duas semanas já vem a falar numa língua estranha. Quanto à ortografia criativa basta ler o menu de muitos restaurantes típicos. Na verdade, o fanatismo em defesa do português não é de natureza cultural, mas sobretudo de ordem política e ideológica. Nas pessoas da cultura, sobretudo escritores, essa defesa inscreve-se na lógica de domínio político do setor, numa manifestação de corporativismo intelectual. Os donos da língua, e também implicitamente donos do pensamento, batem-se pela preservação do seu território, nada mais. Há também os que se agarram à língua como o último bastião da soberania. Perdidas as fronteiras, terminado o isolamento, instalados o multicultural e o global, imaginam que preservando a língua conseguem resistir à realidade do mundo. Meras ilusões. Até porque hoje há uma nova situação que torna a defesa intransigente da língua bastante patética. As novas tecnologias, a Internet, as redes sociais, os telemóveis, estão a modificar a língua de forma radical e muito veloz. Não só no jargão ou na constante adição de neologismos. Do género eu twitto, tu twittas, ele twitta... Mas também naquilo que consideramos constituir uma língua. Veja-se, por exemplo, como as palavras vão sendo substituídas por pictogramas. Qualquer telemóvel já comunica connosco mais por imagens do que por palavras. Assistindo-se a uma espécie de recuperação da linguagem dos faraós, os hieróglifos, ou, para não ir mais longe, da escrita chinesa. A mutação da língua é uma condição antropológica, agora em processo de aceleração dada a própria velocidade deste tempo de comunicações luminosas em tempo real. Em conclusão. Quando finalmente os portugueses, depois de muita discussão inútil, chegarem finalmente ao Acordo Ortográfico, ele estará ultrapassado. E, já agora, este texto foi escrito segundo o dito Acordo. Tem mal?

15) Lusa adota Acordo Ortográfico

Agência Lusa adota Acordo Ortográfico a partir de sábado sexta-feira, 29 de Janeiro de 2010. Às zero horas de sábado, a Agência Lusa passa a distribuir o noticiário escrito nos termos do Acordo Ortográfico, cumprindo a vocação de ser «uma agência global» nos territórios onde o português é a língua oficial. Os jornalistas da Lusa vão pôr em prática as regras aprendidas no período de formação iniciado em novembro e contam com o auxílio do corretor ortográfico desenvolvido pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC). A decisão de adotar em Janeiro de 2010 o Acordo Ortográfico foi tomada pela administração para reforçar a «vocação global» da Agência nos oito países de língua oficial portuguesa, no território de Macau e junto das comunidades espalhadas pelo mundo.

16) Filipe Zau e o Acordo Ortográfico *Nok Noqueira | - 24 de Janeiro, 2010*

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Filipe Zau autografando o seu mais recente livro sobre Educação em Angola Fotografia: Mota Ambrósio

O jogo de interesses

As diferentes razões do debate Interesses angolanos

17) Agência Lusa começa a aplicar Acordo Ortográfico a partir do dia 30

Lisboa, 22 Jan (Lusa) - A Agência Lusa começará a aplicar o Acordo Ortográfico em todas as notícias que produzir a partir do dia 30 de Janeiro, seguindo as novas normas da língua portuguesa que entraram em vigor no início do ano, embora com um período de adaptação até 2016. Aprovado em 1990 por Portugal, Brasil e os cinco países africanos de língua oficial portuguesa, o Acordo Ortográfico foi ratificado pela Assembleia da República a 16 de Maio do ano passado e promulgado pelo Presidente da República a 21 de Julho. O Brasil foi o primeiro país a aplicar o Acordo, em Janeiro de 2009. Portugal decidiu a sua entrada em vigor em 01 de Janeiro de 2010, com um período de adaptação até 2016. Só Moçambique e Angola ainda não o ratificaram.

18) Um ano depois, reforma ortográfica gera pouco impacto

Polêmicas iniciais se dissipam em período de transição Publicado em 20/01/2010 - 13:30

<http://www.universia.com.br/docente/materia.jsp?materia=18762>

No mês em que a reforma ortográfica da língua portuguesa completa um ano desde sua adoção em janeiro de 2009, seus impactos permanecem tímidos na população brasileira. O tratado que envolve os países da comunidade lusófona (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor Leste) fez diversas alterações ortográficas, tais como a extinção definitiva do trema e a subtração do acento circunflexo para verbos no plural como, por exemplo, *crêem* e *vêem*, além da inclusão das letras 'k', 'w' e 'y', no alfabeto português (veja, no rodapé da matéria, o que muda na língua). A proposta do acordo, assinado em 1990, é acabar com as diferenças existentes entre os países da comunidade e assim criar uma relativa padronização do idioma. A adoção das novas regras deverá ser feita obrigatoriamente até dezembro de 2011, o que significa que, a partir de 2012, a ortografia antiga será definitivamente abandonada. Há, portanto, um período de transição, para que todos possam se adequar. As mudanças acarretadas pela nova ortografia provocaram polêmicas. Para muitos, a língua que já era difícil, teria ficado mais complicada. Mas o que explica Eunice Maria das Dores Nicolau, professora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), é que existem muitos equívocos quanto à nova ortografia. "Muitas pessoas pensam que esse acordo vai mudar alguma coisa na língua, e não é isso, a mudança é apenas na ortografia. A língua continuará a mesma, o que modifica é apenas o jeito de escrever algumas palavras", esclarece ela. Na opinião de Maria Helena de Moura Neves, professora da Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), a mudança não fez muita diferença no Brasil. "A necessidade do acordo não é para uma nova ortografia, não foi feita para alterar, e sim para aproximar à ortografia usada em Portugal, e esse acordo só vai surtir alguma diferença se Portugal aceitar", diz ela. A professora diz ainda que, nesse primeiro ano, a única dificuldade que observou de forma mais recorrente foi com relação às novas regras para a utilização do hífen. Fora isso, ela diz, não teria havido uma mudança significativa. De acordo com Eunice, ninguém deixou de entender o que lê pela falta ou excesso de hífen ou pelas outras alterações determinadas pelas novas regras ortográficas. Ela acredita que a real dificuldade no entendimento permanece sendo aquela que sempre teria sido para seus alunos. "Os estudantes não devem se preocupar com as questões da nova ortografia e sim com aquilo o que querem realmente expressar no texto que escrevem. Esses problemas ortográficos são solucionáveis e de implicações mínimas", afirma ela.



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Sem dados

Se no dia-a-dia e nas salas de aula é difícil mensurar até que ponto as mudanças ortográficas propostas pelo novo acordo tiveram, no mercado editorial o cenário é ainda mais vago. A Abrelivros (Associação Brasileira das Editoras de Livros) não tem nenhum dado ou pesquisa que indique objetivamente as consequências que o novo acordo ortográfico tiveram sobre as vendas. Beatriz Gellet, gerente executiva da Abrelivros, garante que todos os novos lançamentos já foram adequados às regras sem problemas. "Todos os livros lançados pelas editoras do começo do ano passado para cá, foram devidamente adaptados à nova ortografia, principalmente os livros de língua portuguesa e os dicionários", declara ela. Beatriz afirma também que muitos livros tiveram de ser inutilizados. "Houve muita perda de estoque, pois muitos livros didáticos foram inutilizados por não estarem adaptados à nova ortografia", lamentou. Beatriz não especificou dados da quantidade de livros publicados nem de livros inutilizados. Mathias Schaf Filho, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), acha que ainda é muito cedo para que se possa falar com segurança a respeito dos impactos que a reforma causará. Além disso, ele acrescenta que é que ainda não houve como sentir o peso das mudanças ortográficas pelo fato dela ter sido muito pequena no Brasil, com relação às mudanças propostas para o português de Portugal. "Pode ser que o problema comece quando o acordo se tornar obrigatório aqui no Brasil, mas por enquanto não houve dificuldades", diz ele, numa referência ao período de transição que vai até dezembro de 2011. Maria Helena frisa que muita gente quis ganhar dinheiro com o lançamento de livros sobre a nova ortografia e que isso é desnecessário, já que a mudança maior seria na ortografia de Portugal. Ela faz ainda críticas também à mudança como um todo. "O acordo não está claro, é muito omissivo. O que o acordo não esclareceu os livros sobre a nova ortografia também não esclareceram", disparou. Segundo ela, se as mudanças exigidas para Portugal fossem feitas aqui no Brasil, traria problemas para a população. Maria Helena completa que a grande finalidade do acordo está em ponto morto, já que Portugal ainda não assinou o documento ratificando sua adesão.

19) O novo acordo ortográfico Daniel Lourenço 18 Janeiro 2010 diário do Minho

Apesar de assinado há muito (Dezembro de 1990) e de ter sido implementado no Brasil há mais de um ano, tenho a impressão só nas últimas semanas é que o novo acordo ortográfico começou a ser discutido com mais atenção e seriedade na sociedade portuguesa. Na semana passada, no habitual inquérito que o Diário do Minho promove na internet, verificou-se que 62 por cento dos participantes disseram aceitar o novo acordo. Na minha opinião, é um bom sinal.

Por entender que a mudança é inevitável, utilizo este espaço como o meu primeiro exercício de escrita em língua portuguesa segundo o novo acordo. No entanto, são poucas as entidades que já adotaram esta forma de escrever (ora cá está a palavra adotar sem o inútil "p", uma vez se trata de uma consoante muda). No universo da comunicação social, o jornal desportivo Record foi pioneiro na escrita segundo as novas regras, mas a "moda" ainda não pegou. Depois do choque inicial, já me habituei às mudanças, conforme se pode ver neste texto que – recorde – está a ser escrito segundo o novo acordo. Voltando ao exemplo do Record, já me habituei a ver escrito os meses ou as estações do ano em minúscula: inverno e janeiro. Afinal, não há drama nenhum. No Diário do Minho, porém, o novo acordo ainda não foi implementado e não sei quando irá acontecer. Parece-me, contudo, que terá de acontecer. Tenho a plena convicção (cá está um duplo "c" que se mantém, dado que são ambos sonoros) que a mudança não é tão radical quanto se possa pensar. A maior dificuldade talvez esteja na forma de escrever as palavras compostas por prefixação. De modo geral, deixa de se usar hífen: por exemplo, em vez de contra-indicação escreve-se contraindicação. De facto (outra palavra que, em Portugal, não muda, para confundirmos com "fato", que deste lado do oceano é roupa), o objetivo do novo acordo é privilegiar o critério fonético em detrimento do etimológico: a meta é escrever conforme se lê. A terminar, aconselho toda a gente a consultar este endereço eletrónico: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/> (Publicado no DM do dia 18.01.2010)

20) Acordo ortográfico completa um ano de vigência

Joyce Carvalho 17/01/2010 às 00:10:00 - Atualizado em 17/01/2010 às 18:00:20

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrou em vigor há um ano e a adaptação, por parte da população brasileira, está sendo rápida. Com a adoção das mudanças nos jornais, revistas, livros e sites, ficou mais fácil perceber a alteração e incorporá-la ao dia a dia. Mesmo as correções atingindo apenas 0,5% do vocabulário, existem algumas dificuldades, especialmente com o uso do hífen. A alteração mais assimilada é a do trema. A implantação será obrigatória a partir de janeiro de 2013. Até lá, as duas ortografias vão aparecer na vida do brasileiro. O Brasil é um dos integrantes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), juntamente com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor Leste e São Tomé e Príncipe. O acordo ortográfico será implementado em todos esses países, com o objetivo de unificar o idioma. Mais de 230 milhões de pessoas em todo o mundo falam o Português. Todas as alterações podem ser consultadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), editado pela Academia Brasileira de Letras. É a publicação que regista a grafia oficial das palavras. Dicionários de diversas editoras são encontrados nas lojas com as correções. Para o professor Domício Proença Filho, ocupante da cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras, a adaptação às novas regras foi mais rápida do que se esperava. "A adoção do acordo foi tranquila. A mídia adotou em todos

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

os níveis e as editoras ficaram com um prazo maior. Houve uma ou outra manifestação contrária, pelo não entendimento do espírito do acordo", avalia. Deizi Cristina Link, professora de Linguística e Língua Portuguesa do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), explica que as maiores dificuldades com as mudanças estão relacionadas ao uso do hífen. "Nos demais casos, não percebo dificuldades. A mudança melhor adaptada foi a queda do trema", comenta. De acordo com ela, a familiarização com a nova ortografia leva tempo. Para incorporar logo as mudanças, a professora aconselha ler bastante. "Exige um tempo para o cérebro. Quanto mais contacto com essa representação, mais vai reter. Quanto menos a pessoa se envolve com a escrita, mais dificuldade ela terá para se adaptar. Nesse momento, conviveremos com as duas ortografias. Quando optar por uma, mantenha a uniformidade", esclarece Link. A professora indica que uma nova correção pode aparecer futuramente dentro do acordo ortográfico. Isso porque houve lacunas com as regras apresentadas, principalmente nos casos de formação de palavras. Proença Filho lembra que a Academia Brasileira de Letras formulou a nova edição do Volp e os especialistas tiveram que lidar com questões que demandaram interpretações. "Agora, a ideia seria reunir especialistas das instituições ligadas às Letras e tentar um consenso quanto às interpretações", indica. Uma mobilização para a realização de um encontro com todos os países deve acontecer durante 2010

21) A Evolução da Língua Portuguesa no Brasil

Sexta - feira | 15 JAN 10, **Coluna Luso-Descendente**

Como todos sabem, o povo brasileiro fala e escreve na "Língua Portuguesa", assim reza a "Constituição Brasileira", no entanto, não foi sempre assim, uma vez que, nos primórdios da terra brasileira, muita confusão aconteceu. Porquanto, quando chegaram os navegadores lusitanos, encontraram os famosos "indígenas", grupos ou tribos esparsas de habitantes, os quais falavam as suas línguas ou dialetos, eram os "tupis" e os "guaranis" e eles habitavam as florestas ou o litoral e cada um constituía as suas "tabas" e já denominavam os locais de acordo com as suas línguas. Evidentemente como aconteceu em Portugal, quando da invasão dos romanos e depois dos "mourous", ali falava-se a língua "celtibera", uma mistura das línguas celta e iberica, com vários povos, celtas, iberos, lusitanos e termos foram introduzidos na língua "romana", o "Latim" e daí derivando para o lusitano arcaico, que com o decorrer do tempo foram os lusitanos também misturando termos dos "mourous", e começou a surgir o "português arcaico", derivando mais tarde, já no século 16 para o "português moderno". Todavia, milhares de termos das línguas Celta, Latina e Moura foram introduzidos na língua e permanecem até os nossos dias. Aqui no Brasil aconteceu a mesma coisa, chegando a existir então até uma língua já falada em quase todo o litoral do Brasil, a "Língua Geral", que era uma mistura do português, com os termos da língua "Tupi" e "Guarani", inclusive o próprio padre "Anchieta" fez versos nessa língua. Essa língua que existiu até o princípio do século 18 (1725), foi eliminada da escrita e do falar, por imposição do "Marquês de Pombal", o qual havia sido nomeado ministro em Portugal e proibiu no Brasil que as pessoas falassem e escrevessem na "Língua Geral", inclusive, determinou que os "Cartórios" trocassem os registros de vendas e compras de imóveis, e casamentos ou nascimentos da "Língua Geral" pela "Língua Portuguesa" e assim sendo ficou uma língua morta. Hoje no "Dicionário Brasileiro" da Língua Portuguesa, encontramos milhares de termos "indígenas", inclusive, "Estados brasileiros" como, Acre, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Roraima, Tocantins, Amapá, Goiás e Paraná, bem como, nomes de rios, como Tietê, Parnaíba, Sapucaí, Tocantins, Parapanema, Iguaçu, Tamandatei, e um número infindável de cidades, como exemplo Congonhas, Pirapóira, Araçatuba, Baurú, Guaratinguetá, Guariba, Caruaru, Araguari, Jequié, Paraguaçu, e designações como "cariocas" "fluminenses" nascidos na capital e Estado do Rio de Janeiro, "capixabas" no Estado do Espírito Santo, Piratinga em São Paulo e até na comida muita coisa que hoje saboreamos tem esses nomes, como: paçoca, pipoca e milhares de termos, bem ainda nas "serras" como da Mantiqueira, Tumucumaque, Paçaraima e assim por diante. Várias reformas da Língua Portuguesa foram feitas, tanto em Portugal como no Brasil, todavia, foi tão somente na ortografia atualizada, como em 1943, 1973 e agora em 2009, no entanto, todas essas designações ficaram eternamente fixadas e no dia comum dos brasileiros todos esses termos ficaram no falar diário e todos eles foram introduzidos no decorrer dos 5 séculos da existência do Brasil formando um cabedal grandioso de termos, todavia, sem que a maravilhosa "Língua Portuguesa" ficasse modificada no sentido geral, para honra e glória do nosso querido e eterno Portugal.

Adriano da Costa Filho, Membro da Casa do Poeta de São Paulo, Movimento Poético Nacional, Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores, Academia Virtual Poética do Brasil, Ordem Nacional dos Escritores do Brasil, Associação Paulista de Imprensa, Associação Portuguesa de Poetas/Lisboa e escreve quinzenalmente para o Jornal Mundo Lusíada.

22) Para não fundir a cuca 12/01/10 00:01 | Miguel Coutinho <http://economico.sapo.pt/noticias/para-nao-fundir-a-cuca-78503.html>

Chegado a São Paulo, leio no "Brasil Econômico" uma história que deveria fazer pensar duas vezes os mais empedernidos adversários do Acordo Ortográfico.

Em 2008, o Brasil enviou para Angola 10 mil livros educativos destinados a crianças. Os livros não foram, todavia, distribuídos porque as crianças estudavam a ortografia portuguesa e os professores recearam que elas não entendessem o conteúdo. O melhor da história foi a reação de um responsável angolano que justificou assim a não distribuição dos



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

manuais: "Não queremos fundir a cuca dos meninos". Pois é, não há nada a fazer quando a dinâmica da realidade ultrapassa os nossos preconceitos... Apesar de o CAN não estar a ser a montra que as autoridades angolanas desejariam, há vida na economia daquele país além do futebol. Muito recentemente assistimos a dois sinais de normalização do país. O primeiro é a intenção do Banco Nacional de Angola de desincentivar a circulação do dólar americano no sistema financeiro de punir a recusa do kwanza como meio de pagamento. Angola reduziu a sua taxa de inflação de mais de 100% em 2002 para 13% em 2008, a par de uma estabilização nos últimos cinco anos da taxa média de câmbio. O outro sinal é, numa lógica de diversificação da economia, a aposta no relançamento da produção do café. O investimento no setor será de 280 milhões de dólares, o que permitirá ao país voltar a sonhar com a posição que ocupava em 1973, quando era o segundo maior produtor e o terceiro maior exportador a nível mundial. Hoje o país produz apenas um décimo do que produzia nessa altura. Em síntese, dois sinais interessantes de que hoje a economia angolana já não é apenas petróleo e dólares.

____ Miguel Coutinho miguel.coutinho@economico.pt

23) Ainda a falaciosa comparação entre o inglês e o português

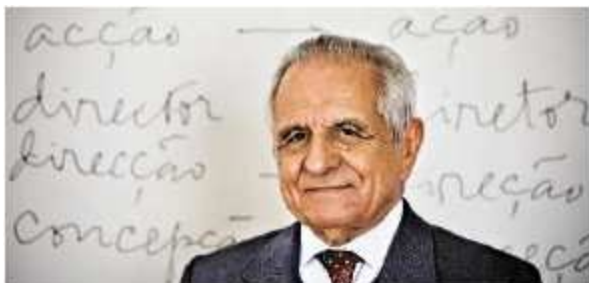
José Mário Costa – 20100112 jornal Público

O que me interessa, e me preocupa, de facto, é saber como esta reforma ortográfica vai ser (bem) aplicada. Duas cartas, dos leitores Jorge Guimarães, de Oeiras, e António Rebelo de Carvalho, de Londres, aqui publicadas em 6 e 7 de Janeiro p. p. - assim como um artigo de Francisco Miguel Valada ["Os ii do Acordo Ortográfico, ponto por ponto", publicado também no passado dia 7] - ripostaram ao meu artigo "Alguns pontos nos ii sobre o Acordo Ortográfico" [PÚBLICO de 4/1/2010]. Respondo-lhes rápido e depressa, e apenas ao que, afinal, levou a essa minha inicial intervenção: a falaciosa comparação entre o inglês (que nunca teve nem precisou de qualquer acordo ortográfico) e o português. Falaciosa porque:

- 1) Há toda a diferença entre uma língua, a nossa, com duas ortografias oficiais (repto: ortografias oficiais), antagónicas e excludentes entre si, e o inglês. No inglês, as suas variantes ortográficas assentam numa mesma matriz veiculada em todo o mundo anglófono, assim como nas mais variadas instâncias internacionais (políticas, económicas, culturais, académicas, militares, humanitárias, etc., etc., etc.).
- 2) Essa matriz é resultado de uma fortíssima tradição dicionarística, que se impôs como norma gráfica no mundo anglófono - reforçada e consagrada na prática administrativa dos respetivos países.
- 3) Para o inglês, não há uma autoridade para a língua, como são as academias para o francês, para o espanhol ou para o português (em Portugal e no Brasil)? A verdade é que ela é exercida na fixação também das suas normas gráficas, cuja padronização cabe aos grandes dicionários de referência, desde o de Samuel Johnson - publicado em 1755 - até aos dos nossos dias. É o caso do *Oxford English Dictionary*, fruto da intervenção de uma editora em íntima ligação com o mundo académico, que hoje incorpora as variantes ortográficas do inglês dos Estados Unidos.
- 4) Uma última e grande diferença: a ortografia inglesa não só mudou muitíssimo pouco nos últimos duzentos anos como as suas duplas grafias atuais incorporam a mesma norma ortográfica. Nada que ver, portanto, com o que se passa(va) com o português do Brasil e o português europeu.

Quanto ao resto - a arrastadíssima querela do pró e do contra o Acordo Ortográfico -, desculpem-me, mas essa só não é uma questão arrumada na prateleira da história por quantos, já lá vão 20 anos, militam na campanha do anti... até ao fim dos seus dias. Basta consultar no Ciberdúvidas o que, desde então, já tanto se dirimiu a favor, contra e assim-assim. Agora, a mim, o que me interessa, e me preocupa, de facto, é saber como esta reforma ortográfica vai ser (bem) aplicada em Portugal e nos demais países de língua portuguesa. *Fundador e coordenador do site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*

24) Malaca Casteleiro O linguista que explica porque há facto e fato por FERNANDO MADAÍL Hoje DN 09/01/2010 |



Após décadas de reuniões em vários países, com projetos e polémicas, avanços políticos e recuos legislativos, o linguista viu finalmente entrar em vigor o novo Acordo Ortográfico.

A tripla grafia com que se pode escrever, em Portugal, febra, fevra e fêvera ("e está sempre correto") é um dos exemplos que o linguista e catedrático João Malaca Casteleiro pode citar quando os adversários do novo Acordo Ortográfico argumentam que um dos defeitos do tratado é precisamente o facto de permitir duplas grafias. "Neste momento, esta é a

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

única forma de unificar o máximo e de limitar as divergências, evitando que aumentem no futuro", alega o especialista, explicando que em Portugal pronuncia-se o "c" em facto, mas no Brasil a palavra já se diz fato. O universitário que nasceu no Teixoso (Covilhã), a 29 de Agosto de 1936, estudou nos seminários do Fundão ("já não era no edifício que Vergílio Ferreira descreve em Manhã Submersa") e da Guarda, mas teve depois de fazer os exames do liceu antes de se matricular na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que passaria para as atuais instalações em 1958, quando frequentava o terceiro ano de Filologia Românica. E naquele edifício da cidade universitária, onde foi vendo surgirem os blocos das outras faculdades e crescerem as árvores, licenciou-se em 1961 com a primeira tese portuguesa na área da sintaxe (A Expressão da 'Ordem' na Língua Portuguesa no séc. XX - Estudo Sintático-Estilístico Baseado em Autores Portugueses e Brasileiros), e doutorou-se, em 1979, com uma dissertação também pioneira (Sintaxe Transformacional do Adjetivo: Regência das Construções Completivas). Vulto que se tem tornado conhecido do público nos últimos anos pela defesa de uma ortografia reunificada ("após o fim do Império, o que ficou foi a língua") - e também pelo aportuguesamento dos estrangeirismos que inseriu, em 2001, no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa -, Malaca Casteleiro foi professor do ensino secundário no Colégio Militar e no Liceu Pedro Nunes antes de iniciar a carreira universitária em 1969, quando foi convidado por Jacinto Prado Coelho para seu assistente - dez anos depois, assumia a cátedra e, nesse mesmo ano, tornava-se membro da Academia das Ciências de Lisboa, onde seria presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia, de 1991 a 2008. Quando o presidente brasileiro José Sarney incumbiu António Houaiss de promover o Encontro de Uniformização Ortográfica da Língua Portuguesa, que decorreria na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 1986, Malaca Casteleiro, como membro da Academia das Ciências de Lisboa, integrou a delegação portuguesa. Depois, participou no Anteprojeto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, em 1988, e nos trabalhos que conduziram ao Acordo Ortográfico de 1990. O catedrático que se jubilou em 2006 historia as divergências ortográficas entre Portugal e o Brasil desde o final do século XIX, quando, inspiradas em José de Alencar, algumas correntes de intelectuais defenderam, sem sucesso, a criação de uma língua brasileira: os acordos de 1911 ("foi feito à revelia do Brasil"), 1931 ("a primeira grande tentativa de uniformização"), 1943, 1945 ("quando se tentou convencer os brasileiros a reintroduzir as consoantes mudas, que tinham sido abolidas por necessidades de alfabetização"), 1975, 1986 ("quando se pretendeu uma reunificação completa da ortografia"). O também professor convidado nas Universidades de Coimbra, Açores, Madeira, Beira Interior e Macau, com a autoridade de quem assinou o livro *Nível Limiar (Para o Ensino / Aprendizagem do Português como Segunda Língua / Língua Estrangeira)*, patrocinado pelo Conselho da Europa, lembra que, há 15 universidades chinesas que já dão licenciaturas em português e que o nosso idioma é opção no ensino secundário em países como o Senegal, a Namíbia, o Zimbábue e a África do Sul. A partir de agora, deverão começar a ensinar numa ortografia mais fácil. Por cá, agora que o tratado entrou em vigor, "será de bom-tom os documentos oficiais passarem a usar a nova ortografia". O linguista acredita que, apesar de o período de transição ser de seis anos, ao fim de dois a maioria estará adaptada à nova escrita, embora seja mais fácil para os jovens e mais complicado para os velhos. A razão é simples, explica com a clareza de quem sabe conciliar o erudito e o popular, a música de Mozart e a de Amália: "Ao aprender uma palavra aprende-se a pronúncia, o significado e a grafia (que se fixa na mente como uma imagem)."



25) *Sob a invocação de N.ª Sra. da Sensatez*

por VASCO GRAÇA MOURA 06 Janeiro 2010

[Muzhik](#)

07 Jan 2010, às 21:20 - Brasil

Qto exagero por uns míseros 1, 2% de mudanças! 'Retira o direito. Evolução natural...', com só essas poucas mudanças quase tudo continuará como está! PT teve a 'sua vez' mas as suas conquistas e êxitos moram agora num museu, passou, PT não soube aproveitar, e agora é a vez do Brasil q em apenas 200 anos fez a 8ª economia do mundo, o resto é choro que a nada conduz. É 2010, século 21

[joao americo oliveira ramos](#)

05 Jan 2010, às 17:54 - Brasil

É compreensível o cuidado que Francisco José tem com a defesa da língua portuguesa. Contudo nenhuma língua falada no mundo é estática. O próprio latim tentou conviver com dois tipos de linguagem e a mesma se tornou língua morta. O importante é se saber o que se pretende, se uma língua falada por 10 milhões de pessoas ou a mesma língua falada por 300 milhões. A escolha é livre.

[Macela](#)

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

04 Jan 2010, às 17:08 - Portugal - Porto

(cont) Hoje,loja que se preze, tem que ter, pelo menos o nome, em inglês; até as frases marcantes da publicidade surgem cada vez mais neste idioma! Se calhar nada disto abespinha o Sr. Francisco Pina. Se os brasileiros tiveram o bom senso (sim, é disso que se trata) de simplificar a escrita, ainda bem. Gostaríamos de ter sido nós a dar o pontapé de saída, não fomos, paciência. Não é grave.

[Macela](#)

04 Jan 2010, às 16:40 - Portugal - Porto

Os detratores do acordo ortográfico convivem pacificamente com os erros de ortografia, pronúncia e sintaxe que medram por todo o lado; desde manuais escolares a legendas de filmes e instruções que acompanham eletrodomésticos e outros equipamentos, para não falar de alguns profissionais da comunicação social a epidemia alastra sem remédio. O Acordo Ortográfico há de ficar para sempre como uma vergonha nacional, não sendo mais do que uma alienação vergonhosa ao Brasil da língua nascida em Portugal. por Francisco José Casal Pina

De colonizadores passámos a colonizados. É inaceitável e causa indignação a significativa inclusão de vozes originárias do Brasil e dos países africanos na língua portuguesa. É um insulto ao povo português, que lhe retira o direito de dar à sua língua uma evolução natural.

A língua não se muda por decreto. Nem o Reino Unido adotou o mesmo processo "revolucionário" da língua em relação aos EUA. São cada vez mais as vozes contra o acordo. Não são só os portugueses, como também noutros países da língua de Camões.

No Manifesto em Defesa da Língua Portuguesa, os brasileiros criticam o acordo, de que é exemplo o jornalista e escritor Carlos Heitor, membro da Academia Brasileira das Letras.

[VASCO GRAÇA MOURA 06 Janeiro 2010](#)

Na XIV reunião ordinária do Conselho de Ministros da CPLP, realizada na cidade da Praia em 20 de Julho de 2009, o areópago debitou as banalidades do costume sobre a projeção da língua portuguesa no mundo.

Sempre mostrando terem mais olho do que barriga, "os Estados membros decidiram organizar uma Conferência Internacional sobre o futuro da Língua Portuguesa no sistema mundial, a realizar no Brasil durante a Presidência Portuguesa". E concomitantemente com esta pomposa patetice, própria de quem não tem mais nada que fazer nem faz a mínima ideia do que seja o sistema mundial, assentam na necessidade de um "relatório, elaborado por peritos designados pelos Estados membros, a apresentar oportunamente pela Presidência Portuguesa" (...) Este relatório abordará também o estado de desenvolvimento do Acordo Ortográfico, particularmente no que respeita aos constrangimentos relativos à elaboração do vocabulário ortográfico comum, enquanto pressuposto da sua aplicação." Este é o ponto essencial: subscrevendo a declaração da cidade da Praia, o Governo português finalmente reconheceu ali que o vocabulário ortográfico comum é um pressuposto da aplicação da ignomínia que dá pelo nome de Acordo Ortográfico!

Descobriu a pólvora porque isso já decorria das disposições conjugadas dos artºs 2º e 3º do próprio texto de 1990...

O Governo confessou ainda haver "constrangimentos relativos à elaboração" desse vocabulário, suficientemente relevantes para ser pedido um relatório pericial sobre eles! Quem são os peritos (?) designados pelos Estados membros para o efeito? Onde está esse relatório? Afinal, qual o papel das instituições e órgãos competentes a que se refere aquele art.º 2º?

Tem-se assistido a umas pantominas de apresentação apressada de exercícios feitos a martelo, aqui e ali.

Mas nem sinal de concertação prática entre instituições e órgãos competentes dos países subscritores para se elaborar esse vocabulário comum! Só depois de ele existir é que poderia falar-se de aplicação do AO.

Mas não existe e para ele não há ainda critérios satisfatórios, nem sequer no plano nacional. Escute-se a responsável no ILTEC pelo projeto intitulado Vocabulário Ortográfico do Português, no Público de 30.12.09: "O acordo remete muitas vezes para uma tradição, mas em lugar nenhum define qual é essa tradição. Por isso optámos por regularizar bastante a ortografia" (...) Aí se diz também que "quando a referência é a pronúncia optou-se por seguir a da região de Lisboa".

Não se sabendo qual seja a tradição, em vez de se reconhecer que o AO é um amontoado impraticável de imprecisões e de erros, faz-se de conta, regulariza-se a ortografia, encaixa-se a pronúncia de Lisboa no lugar das pronúncias cultas a que se refere a Base IV e ignora-se que há outros países com voto na matéria!

A referência do AO às pronúncias cultas é mais um fator de confusão e de erro, mas as coisas não podem ser resolvidas assim... Já se está a ver a trapalhada que dariam estes critérios transpostos para outros países de língua portuguesa, em especial para o Brasil... A mesma responsável do ILTEC afirma ainda: "O texto legal [do acordo] é aberto, mas é ambíguo e tem até contradições internas. Mas ninguém o vai ler quando tiver uma dúvida. O que se espera é que haja especialistas que façam a interpretação através do Vocabulário."

Teremos assim alguns linguistas armados desde já em arúspices das situações indecifráveis. Examinam as vísceras do acordo e zás!, interpretam a seu bel-prazer as teratologias do animal...

Como é que se "interpreta" por cá uma contradição interna e com que legitimidade internacionalmente indisputada é que essa interpretação se impõe aos outros Estados membros? Não se vê que assim as "interpretações" dispares e nefastas de ambiguidades, lacunas e contradições internas irão forçosamente desmultiplicar-se? Por mais voltas que lhe queiram dar, o



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

acordo não pode ser aplicado antes de haver o vocabulário ortográfico comum. Mas há gente no Governo que continua a não querer saber disso. Só a ministra da Educação parece ter sido iluminada por N.ª S. da Sensatez. Mas não deve ainda ter atentado nesta nova vaga de enormidades oficiais e oficiosas...

26) Os ii do Acordo Ortográfico, ponto por ponto

Francisco Miguel Valada - 20100107

As razões da ortografia são linguísticas, não devendo estas ser ofuscadas por luzes que do rigor há muito se afastaram. O debate em redor do Acordo Ortográfico voltou à estaca zero, com o artigo de José Mário Costa, no PÚBLICO de 4/1/2009. No artigo, intitulado "Alguns pontos nos ii sobre o Acordo Ortográfico", nem se vislumbra qualquer referência aos vícios do Acordo Ortográfico de 1990 (AO 90), assinalados em pareceres técnicos e em comentários razoados, nem se manifestam as razões linguísticas que demonstram a inaptidão do AO 90 para um sistema de escrita de base alfabética, nem se atalha o facto de o AO 90 ter passado incólume ao crivo especializado e a estudos e avaliações, ao contrário do que sucede com qualquer projeto com incidência no quotidiano. José Mário Costa apresenta a questão da dupla grafia, ignorando a questão central. Em nenhuma ortografia sucede a facultatividade irrestrita prescrita pelo AO 90. A dupla grafia que José Mário Costa apresenta para o inglês não se aplica às letra e forma do AO 90. Os dicionários ingleses (por exemplo, o *New Oxford Dictionary of English* de 1998) sublinham, para *theatre*, *plough* ou *sceptic*, as grafias *theater*, *plow* e *skeptic*, com a menção explícita "US". Em alemão, em contextos específicos, que não vou explicar, para não maçar aqui os leitores, o uso do *Eszett* (ß) não se aplica à Suíça, sendo esse facto explicitamente mencionado no texto do Acordo de 1996, determinando-se que na Suíça se pode escrever sempre "ss". Pelo contrário, se José Mário Costa conferir o VOLP da Porto Editora, verá que carácter se grafa *caráter* e/ou *carácter*, constituindo duas grafias para o mesmo significante na mesma norma culta, ao contrário de grafias "duplas" que Malaca Casteleiro apresenta, à laia de justificação, no Preâmbulo do VOLP da Porto Editora, como *arena* e *areia*. Qualquer leigo sabe que *areia* e *arena* não são a mesma palavra, pois numa *arena* há *areia* e *areia* pode haver noutros locais que não numa *arena*. O VOLP da Porto Editora, da responsabilidade de Malaca Casteleiro (igualmente coautor e negociador do AO 90), pretende aplicar-se exclusivamente à norma do português europeu. O desastre que se segue à aplicação do AO 90 é evidente. Se acrescentarmos o facto de no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), organizado por Malaca Casteleiro, o segundo *c* de *carácter* se pronunciar, não havendo exceção a esta regra, o desastre é total. Se recordarmos que se prepara a coexistência de três Vocabulários para a norma do português europeu com o VOLP da Academia Brasileira de Letras, o desastre seria risível, não fosse real. Erro crasso, porque preenhe de subjetividade, é o comentário de José Mário Costa: "Quem está contra o Acordo Ortográfico, este ou qualquer outro, estará até ao fim dos seus dias". Eu, autor de livro contra o AO 90, sou favorável a uma reforma ortográfica (sob forma de acordo ou sob outra forma), desde que se respeitem os princípios de uma ortografia de base alfabética e que se não limite a sua base teórica a um "critério de pronúncia" vago, errado e ambíguo. Sou favorável ao Acordo Ortográfico de 1945, com críticas a opções de pormenor, mas não aos seus princípios gerais. Não sou favorável a um Acordo publicitado como "uma das medidas mais urgentes para a unificação da língua portuguesa", como afirmou Solange Parvaux, em 2004, na Fundação Calouste Gulbenkian, esquecendo que as divergências morfossintáticas e lexicais impedem tal projeto, no mínimo, megalómano. Sou favorável a uma reforma ortográfica que dignifique a minha língua e não a qualquer documento nem a qualquer processo que se baseie exclusivamente em relações de poder, em questões que envolvam "locomotivas" e "inevitabilidade", quando as razões da ortografia são linguísticas, devendo estas ser escutadas e analisadas por quem de direito e não ofuscadas por luzes que do rigor há muito se afastaram. Adenda: Preparava-me para enviar este artigo, quando me deparei com a "Heterodoxia ortográfica" do professor Vital Moreira (PÚBLICO, 5/1/2010). Permito-me sublinhar cinco pontos de discórdia:

- 1 - A "confusão duradoura em matéria ortográfica" aplica-se, não à louvável iniciativa da Direção do PÚBLICO, mas a este AO 90, como acabei de demonstrar;
- 2 - As "intensas discussões académicas e políticas" aplicam-se, não ao AO 90, mas ao seu antecessor, o AO 86. Se a existência de uma discussão legítima decisões contrárias ao resultado dessa discussão, deveremos todos rever o conceito "discussão";
- 3 - Quanto à "convergência ortográfica" e à "uniformidade fonética", recordem-se dois pontos cruciais: a) Este AO 90 promove grafias diferentes na mesma norma culta, à custa de um "critério de pronúncia", arbitrário por natureza; b) Este AO 90 promove a incoerência gráfica entre formas afins, a opacidade crescente e a ambiguidade semântica;
- 4 - A questão essencial continua a escapar a muitos espíritos, mesmo aos reconhecidos pela sua argúcia: o AO 90 é um mau instrumento linguístico, com consequências negativas para o futuro;
- 5 - Uma última nota, relativamente ao "conservadorismo ortográfico". Em qualquer Ciência, o conservadorismo deve pautar-se pela presença em termos de método, para que o objeto definido (em Linguística, por natureza, mutável) possa ser descrito com exatidão e sobre ele se possa prescrever com rigor. Não pode é a disciplina potenciar mudanças no objeto, através da perversão do método. Quando coação se tornar homófona de coação ou sempre que se duvidar se para é verbo ou preposição, os nocivos efeitos deste AO 90 começarão a refletir-se no quotidiano.

PATRONOS DO EVENTO:
PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

A tomada de posição por parte da Direção do PÚBLICO é notável, pois mantém a aplicação de um instrumento ortográfico que respeita os princípios de uma escrita de base alfabética, não cedendo a outro (o AO 90), que tem muito de pseudofonético e pouco de ortográfico. *Autor de Demanda, Deriva, Desastre - os três dês do Acordo Ortográfico (Textiverso, 2009)*

27) Só o Brasil adota nova ortografia. Outras nações de língua portuguesa ainda não tomaram medidas concretas para a implantação das mudanças no idioma

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2765797.xml&template=3898.dwt&edition=13830§ion=1003>

Enquanto, no Brasil, a adoção do acordo ortográfico completa um ano a passos largos, nos outros sete países de língua portuguesa, a reforma engatinha. O país foi o único a adotar medidas concretas para disseminar as novas regras, como a conversão de livros didáticos, o uso nas escolas e a mudança da forma de escrever na imprensa. Em Portugal, onde a maior parte da população se opõe ao acordo, a implantação é vacilante e cheia de indefinições. Por enquanto, apenas alguns jornais adotaram a regra unificada. Novos passos devem ser dados a partir de agora. A ministra portuguesa da Cultura, Maria Gabriela da Silveira Ferreira Canavilhas, anunciou que a Agência Lusa e o Diário da República começariam 2010 com escrita renovada. Ao mesmo tempo, uma ação contraditória partiu de outro setor do governo. Em dezembro, a ministra da Educação, Isabel Alçada, recuou da decisão de adotar o acordo no sistema de ensino já no novo ano.

– Estamos a pensar a estratégia, mas ainda não estão definidas metas. Não é no próximo ano ainda (em 2010). Temos de fazer todo um trabalho com os diferentes parceiros para definir a forma como o acordo ortográfico será introduzido – disse, em entrevista ao jornal Público. Apesar do adiamento, a ministra tem defendido que a introdução “não é complicada” e pode ser feita de forma “serena”. Portugal fixou prazo até 2015 para a adaptação. Uma dificuldade é que Portugal tem adversários ferrenhos à mudança. Uma sondagem sob encomenda do jornal Correio da Manhã, o mais vendido no país, em março, mostrou que 57,3% dos portugueses são contra as novas regras. Um dos nomes mais importantes da cultura portuguesa, Vasco Graça Moura lidera o movimento para abandonar o acerto com os demais países.

– O processo ainda pode ser parado. Não pode avançar sem haver ratificação por todos os países. Se o objetivo é a unidade da grafia, basta que um não avance para que não faça sentido – diz ele. José Mário Costa, fundador e coordenador do site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, rebate:

– Não há nenhuma possibilidade de recuo. O acordo está em vigor.

Nos outros países, a discussão está ainda mais atrasada. Em novembro, o governo de Cabo Verde anunciou que o acordo entrou em vigor, mas ainda não tomou medidas práticas para implementá-lo. Angola e Moçambique sequer o ratificaram oficialmente. Imersos num quotidiano de pobreza e baixo desenvolvimento social, os países africanos estão longe de considerar a reforma ortográfica uma prioridade.

– Eles ainda não assinaram apenas por questões burocráticas. Quando houver a adesão de Portugal, todos vão aprovar – avalia o escritor Godofredo Oliveira Neto, da Comissão de Língua Portuguesa do Ministério da Educação do Brasil.

Coordenador do Setor de Lexicologia e Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, Evanildo Bechara diz que não há motivo para preocupação:

– A resistência é normal. Pouco a pouco, a nova ortografia caminha, e os pontos divergentes são resolvidos.

itamar.melo@zerohora.com.br leticia.duarte@zerohora.com.br

ITAMAR MELO E LETÍCIA DUARTE

O que falta esclarecer

- Uso do hífen: o acordo não menciona como grifar expressões com “não”, como “não agressivo”. Diante da omissão, a Academia Brasileira de Letras (ABL) entende que a palavra não leva hífen. Mas o vocabulário produzido pela Editora Porto, de Portugal, entende o contrário e grafou as palavras com hífen.

- Grafia de termos botânicos e biológicos: a regra geral do acordo prevê que os nomes sejam separados por hífen, como em “bico-de-papagaio”. Mas a expressão pode designar tanto uma planta como uma saliência óssea. A ABL entende que ela leva hífen apenas quando se referir à botânica. Nesse caso, quem fizer referência à saliência óssea deve escrever “bico de papagaio”, e quem quiser se referir à planta deve escrever “bico-de-papagaio”. O primeiro dicionário editado em Portugal seguiu a regra da ABL, mas não existe consenso.

- Palavras como “reeleição” e “reeditar” também suscitaram dúvidas, pois o novo acordo prevê que vogais sejam separadas por hífen. Para a ABL, a grafia deve permanecer como era, pois o acordo não faz referência direta. “A falha levou as pessoas a pensarem que deviam separar o ‘re’, como em ‘re-eleição’. Mas entendemos que ele só tratou das coisas que mudam, o que não foi mencionado fica como está.”



Novo Acordo Ortográfico Alfabeto Nova Regra

O alfabeto é agora formado por 26 letras

Trema Nova Regra

Não existe o trema em língua portuguesa. Apenas em nomes próprios e derivados, por exemplo: Müller, mülleriano

Acentuação Nova Regra

Ditongos abertos (ei, oi) não são acentuados em palavras paroxítonas

Obs.1: nos ditongos abertos de palavras oxítonas e monossílabas o acento continua: herói, constrói, dói, anéis, papéis.

Obs 2: o acento no ditongo aberto "eu" continua: chapéu, véu, céu, ilhéu.

Nova Regra

O hiato "oo" não é mais acentuado

O hiato "ee" não é mais acentuado

Nova Regra

Não existe o acento diferencial em palavras homógrafas

Obs: o acento diferencial ainda permanece no verbo

Regra Antiga

O "k", "w" e "y" não eram consideradas letras do alfabeto.

Regra Antiga

agüentar,
conseqüência,
cinqüenta,
qüinqüênio,
freqüência,
freqüente,
eloqüência,
eloqüente,
argüição,
delinqüir,
pingüim,
tranqüilo,
lingüiça

Regra Antiga

assembléia,
platéia,
idéia,
colméia,
boléia,
panacéia,
Coréia,
hebreia,
bóia,
paranóia,
jibóia,
apóio,
heróico,
paranóico

Regra Antiga

enjôo,
vôo,
corôo,
perdôo,
côo,
môo,
abençôo,
povôo
crêem,
dêem,
lêem,
vêem,
descrêem,
relêem,
revêem

Regra Antiga

pára (verbo),
péla (substantivo e verbo),

Como Será

Usadas em siglas, símbolos, nomes próprios, palavras estrangeiras e derivados. Ex.º: km, watt, Byron, byroniano

Como Será

aguentar,
consequência,
cinquenta,
quinqüênio,
frequência,
frequente,
eloquência,
eloquente,
arguição,
delinquir,
pinguim,
tranquilo,
linguiça.

Como Será

assembleia,
plateia,
ideia,
colmeia,
boleia,
panaceia,
Coreia,
hebreia,
boia,
paranoia,
jiboia,
apoio,
heroico,
paranoico

Como Será

enjoo,
voo,
coroo,
perdoos,
coo,
moo,
abençoo,
povoo
creem,
deem,
leem,
veem,
descreem,
releem,
reveem

Como Será

pela (verbo),
pela (substantivo e verbo),



"poder" (3ª pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo - "pôde") e no verbo "pôr" para diferenciar da preposição "por"

Nova Regra

Não se acentua mais a letra "u" nas formas verbais rizotônicas, quando precedido de "g" ou "q" e antes de "e" ou "i" (gue, que, gui, qui)

Não se acentua mais "i" e "u" tônicos em paroxítonas quando precedidos de ditongo

Hífen Nova Regra

O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixos (ou falsos prefixos) terminados em vogal + palavras iniciadas por "r" ou "s", sendo que essas devem ser dobradas.

Obs : em prefixos terminados por "r", permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada pela mesma letra: hiper-realista, hiper-requintado, hiper-requisitado, inter-racial, inter-regional, inter-relação, super-racional, super-realista, super-resistente etc.

Nova Regra

O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixos (ou falsos prefixos) terminados em vogal + palavras iniciadas por outra vogal

Obs. 1: esta nova regra uniformiza exceções já existentes antes: antiaéreo, antiamericano, socioeconómico etc.

Obs. 2: esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte iniciar por "h": anti-herói, anti-higiênico, extra-humano, semi-herbáceo etc.

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

pêlo (substantivo),
pêra (substantivo),
pêra (substantivo),
pólo (substantivo)

Regra Antiga

argúi,
apazigúe,
averigúe,
enxagúe,
enxagúemos,
obliquê
baiúca,
boiúna,
cheiinho,
saiinha,
feiúra,
feiúme

Regra Antiga

ante-sala,
ante-sacristia,
auto-retrato,
anti-social,
anti-rugas,
arqui-romântico,
arqui-rivalidae,
autoregulamentação,
auto-sugestão,
contra-senso,
contra-regra,
contra-senha,
extra-regimento,
extra-sístole,
extra-seco,
infra-som,
ultra-sonografia,
semi-real,
semi-sintético,
supra-renal,
supra-sensível

Regra Antiga

auto-afirmação,
auto-ajuda,
auto-aprendizagem,
auto-escola,
auto-estrada,
auto-instrução,
contra-exemplo,
contra-indicação,
contra-ordem,
extra-escolar,
extra-oficial,
infra-estrutura,
intra-ocular,
intra-uterino,
neo-expressionista,
neo-imperialista,

pelo (substantivo),
pera (substantivo),
pera (substantivo),
polo (substantivo)

Como Será

argui,
apazigue,
averigue,
enxague,
enxaguemos,
oblique
baiuca,
boiuna,
cheiinho,
saiinha,
feiura,
feiume

Como Será

antessala,
antessacristia,
autorretrato,
antissocial,
antirugas,
arquirromântico,
arquirrivalidade,
autorregulamentação,
autosugestão
contrassenso
contrarregra
contrassenha,
extrarregimento,
extrassístole,
extrasseco,
infrassom,
infrarrenal,
ultrarromântico,
ultrassonografia,
suprarrenal,
suprassensível

Como Será

autoafirmação,
autoajuda,
autoaprendizagem
autoescola,
autoestrada,
autoinstrução,
contraexemplo,
contraindicação,
contraordem,
extraescolar,
extraoficial,
infraestrutura,
intraocular,
intrauterino,
neoexpressionista,
neoimperialista,



Nova Regra

Agora utiliza-se hífen quando a palavra é formada por um prefixo (ou falso prefixo) terminado em vogal + palavra iniciada pela mesma vogal.

Obs: esta regra foi alterada por conta da regra anterior: prefixo termina com vogal + palavra inicia com vogal diferente = não tem hífen; prefixo termina com vogal + palavra inicia com mesma vogal = com hífen

Obs 2: exceção é o prefixo "co". Mesmo se a outra palavra inicia-se com a vogal "o", **NÃO** utiliza-se hífen.

Nova Regra

Não se usa hífen em compostos que perderam a noção de composição

Obs: o uso do hífen permanece em palavras compostas sem elemento de ligação e constitui unidade sintagmática e semântica, mantendo o acento próprio, bem como nas que designam espécies botânicas e zoológicas: ano-luz, azul-escuro, médico-cirurgião, conta-gotas, guarda-chuva, segunda-feira, tenente-coronel, beija-flor, couve-flor, erva-doce, mal-me-quer, bem-te-vi etc

Observações Gerais

O uso do hífen permanece em palavras formadas por prefixos "ex", "vice", "soto"

por prefixos "circum" e "pan" + palavras iniciadas em vogal, M ou N

com prefixos "pré", "pró" e "pós" + palavras com significado próprio

pelas palavras "além", "aquém", "recém", "sem"

Não existe mais hífen

Em locuções de qualquer tipo (substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais)

Em resumo:

Maiúsculas

Os meses do ano passam a grafar-se sem maiúscula inicial, tal como acontece com os pontos cardeais, salvo quando correspondam a uma região. A opção pela maiúscula torna-se facultativa em vários casos, incluindo títulos de obras - a primeira palavra deve ter sempre maiúscula inicial, mas as restantes podem não a ter -, tratamentos de cortesia, como Senhor Doutor, ou nomes de disciplinas do saber (Português, Matemática). A generalidade dos topónimos mantêm a maiúscula, mas é facultativa em nomes de ruas, praças, etc. Vai ser possível escrever-se avenida dos aliados ou rua augusta.

Consoantes mudas

Quando um dos termos de uma sequência consonântica é proferido na pronúncia culta da língua, como em "pacto" ou "ficção", fica tudo como está. Se é invariavelmente mudo, como acontece nas palavras "acto", "colecção" ou "director", o "c" cai sempre. Pela mesma lógica, cai o "p" em "Egipto" ou "peremptório", sendo que neste último caso o "m" dá lugar a um "n": perentório.

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

semi-aberto,
semi-árido,
semi-automático,
semi-embriagado,
semi-obscuridade,
supra-ocular,
ultra-elevado

Regra Antiga

antiibérico,
antiinflamatório,
antiinflacionário,
antiimperialista,
arquiinimigo,
arquiirmandade,
microondas,
microônibus,
microorgânico
Regra Antiga
manda-chuva,
para-quedas,
para-quedista,
para-lama,
para-brisa,
para-choque,
para-vento

semiaberto,
semiautomático,
semiárido,
semiembriagado,
semiobscuridade,
supraocular,
ultraelevado.

Como Será

anti-ibérico,
anti-inflamatório,
anti-inflacionário,
anti-imperialista,
arqui-inimigo,
arqui-irmandade,
micro-ondas,
micro-ônibus,
micro-orgânico

Como Será

mandachuva,
paraquedas,
paraquedista,
para-lama,
para-brisa,
para-choque,
para-vento

Exemplos

ex-marido, vice-presidente, soto-mestre
pan-americano, circum-navegação

pré-natal, pró-desarmamento, pós-graduação

além-mar, além-fronteiras, aquém-oceano, recém-nascidos,
recém-casados, sem-número, sem-teto

Exemplos

cão de guarda, fim de
semana, café com leite,
pão de mel, sala de jantar,
cartão de visita, cor de
vinho, à vontade, abaixo
de, acerca de ...

Exceções

água-de-colónia, arco-da-
velha,
cor-de-rosa, mais-que-perfeito,
pé-de-meia, ao-deus-dará,
à queima-roupa



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Acentos

A conjugação na terceira pessoa do plural do presente do indicativo de verbos como ter, vir e ver - têm, vêm e vêem - perde o acento circunflexo. Passa a escrever-se, por exemplo, "reveem". Já em "dêmos" (presente do conjuntivo), continua a aceitar-se o acento, a título facultativo, para evitar a homografia com "demos" (pretérito perfeito do indicativo). A exceção é a forma verbal "pôde", que preserva o acento. Também são banidos os acentos agudos e circunflexos que ainda se mantinham em algumas palavras graves, como em "pára" ou "pêlo", que passam a não se distinguir graficamente de para e pelo

Hífenes - Os redatores do novo Acordo investiram especial esforço na regularização do hífen, sobretudo nas palavras formadas por prefixação. Quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte começa com "r" ou "s", cai o hífen e dobra-se a consoante "contrarrelógio". Quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte começa por uma vogal diferente, não se usa o hífen: "antiaéreo". Quando o prefixo termina com a vogal que inicia o elemento seguinte, usa-se o hífen: "contra-almirante". A exceção a esta regra é o prefixo "co-", que se aglutina com o elemento seguinte mesmo que este se inicie com um "o": "coocupante". Um dos exemplos que o texto do Acordo avança é "coordenar", que se torna graficamente indistinguível de "coordenar" no sentido de dirigir ou supervisionar. Os hífenes caem em algumas locuções nas quais ainda eram usados, como "fim-de-semana". Abrem-se exceções para outras, nas quais esse uso foi considerado generalizado, como "pé-de-meia" ou "cor-de-rosa". Uma alteração mais difícil de interiorizar é a supressão do hífen em todos casos em que uma forma monossilábica do verbo haver se une à preposição "de". Passará a escrever-se, "hei de" e "hão de".

Palavras e expressões com ou sem hífen por Inez Sautchuk* para a Página 3 Pedagogia & Comunicação

atualizadas conforme o Acordo Ortográfico.

| | | | | |
|----------------------|---------|----------------------|---------------|-----------------|
| A | | D | | O |
| a | fim | de | decreto-lei | olho-d'água |
| à | | queima-roupa | dente-de-leão | P |
| à | toa | depois | de | de amanhã |
| à | | vontade | desumano | pan-africano |
| abaixo-assinado | | deus | nos | pan-americano |
| ab-rupto | | dia | a | pan-hispânico |
| acerca | | disse | me | para-brisa |
| aeroespacial | | doença | de | para-choque |
| afro-americano | | | | para-lama |
| afro-asiático | | E | | paraquedas |
| afro-brasileiro | | em | cima | paraquedismo |
| afrodescendente | | embaixo | | paraquedista |
| afro-luso-brasileiro | | entre-eixo | | para-raios |
| agroindustrial | | euro-asiático | | pé-de-meia |
| água-de-colônia | | eurocêntrico | | pingue-pongue |
| além-Brasil | | ex-almirante | | plurianual |
| além-fronteiras | | ex-diretor | | poli-hidratação |
| além-mar | | ex-presidente | | pontapé |
| amor-perfeito | | ex-primeiro-ministro | | ponto e vírgula |
| andorinha-do-mar | | ex-secretária | | por baixo de |
| anel de | Saturno | extra-alcance | | por isso |
| anglomania | | extraclasse | | porta-aviões |
| anglo-saxão | | extraescolar | | porta-retrato |
| ano-luz | | extrafino | | porto-alegrense |
| antessala | | extraoficial | | pós-graduação |
| antiaderente | | extrarregular | | pospor |
| antiaéreo | | extrassolar | | pós-tônico |
| antieconômico | | extrauterino | | predeterminado |
| anti-hemorrágico | | F | | preenchido |
| anti-herói | | faz de | contas | pré-escolar |
| anti-higiênico | | feijão-verde | (um ...) | preexistente |
| anti-ibérico | | fim | de | preexistir |
| anti-imperialista | | fim | de | pré-história |
| anti-infeccioso | | folha | de | pré-natal |
| | | francófono | flandres | pré-nupcial |



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

| | | | | |
|---------------------------|-------------------|----|-----------|--------------------|
| anti-inflacionário | G | de | divisão p | pré-requisito |
| anti-inflamatório | general | | | pressupor |
| antirreligioso | geo-história | | | primeiro-ministro |
| antissemita | giga-hertz | | | primeiro-sargento |
| antissocial | girassol | | | pró-ativo |
| ao | grã-fina | | | proeminente |
| arco e deus-dará | grão-duque | | | propor |
| arco-da-velha | grão-mestre | | | pró-reitor |
| arco-íris | Grão-Pará | | | pseudo-organização |
| arqui-inimigo | guarda-chuva | | | pseudossigla |
| autoadesivo | guarda-noturno | | | Q |
| autoafirmação | Guiné-Bissau | | | quem quer que seja |
| autoajuda | H | | | R |
| autoaprendizagem | habeas-copus | | (o...) | reabilitar |
| autoeducação | hidroelétrico | | | reabituair |
| autoescola | hidrelétrico | | | reaver |
| autoestima | hidrossolúvel | | | recém-casado |
| autoestrada | hidroterapia | | | recém-eleito |
| auto-hipnose | hipermercado | | | recém-nascido |
| auto-observação | hiper-raquítico | | | reco-reco |
| auto-ônibus | hiper-realista | | | reedição |
| auto-organização | hiper-requintado | | | reeleição |
| autorregulamentação | I | | | reescrita |
| ave-maria | inábil | | | reidratar |
| azul-escuro | indo-chinês | | | retroalimentação |
| B | indochinês | | | reumanizar |
| Baía de Todos-os-Santos | indo-europeu | | | S |
| belo-horizontino | infra-assinado | | | sala de jantar |
| bem-aventurado | infra-axilar | | | segunda-feira |
| bem-criado | infraestrutura | | | sem-cerimônia |
| bem-dito | infrassom | | | semiaberto |
| bem-dizer | inter-hemisférico | | | semianalfabeto |
| bem-estar | inter-racial | | | semiárido |
| bem-falante | inter-regional | | | semicírculo |
| bem-humorado | inter-relacionado | | | semi-interno |
| bem-me-quer | intramuscular | | | semiobscuridade |
| bem-nascido | intraocular | | | semirrígido |
| bem-te-vi | intraoral | | | semisselvagem |
| bem-vestido | intrauterino | | | sem-número |
| bem-vindo | inumano | | | sem-vergonha |
| bem-visto | J | | | sobreaquecer |
| bendito (= abençoado) | joão-de-barro | | | sobre-elevação |
| benfazejo | joão-ninguém | | | sobre-estimar |
| benfeito | L | | | sobre-exceder |
| benfeitor | latino-americano | | | sobre-humano |
| benfeitoria | lenga-lenga | | | sobrepór |
| benquerença | luso-brasileiro | | | social-democracia |
| benquerer | lusofobia | | | social-democrata |
| benquisto | lusofonia | | | sociocultural |
| bico-de-papagaio (planta) | M | | | socioeconômico |
| bio-histórico | macroestrutura | | | subalimentação |
| biorrítmo | macrorregião | | | subalugar |
| biossocial | madressilva | | | subaquático |
| blá-blá-blá | mãe-d'água | | | subarrendar |
| boa-fé | má-fé | | | sub-brigadeiro |

PATRONOS DO EVENTO:
 PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
 PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

| | | |
|------------------------|---|-------------------|
| bumba meu boi | mais-que-perfeito | subemprego |
| C | mal de Alzheimer subestimar | |
| café com leite | mal-acabado | subdiretor |
| calcanhar de aquiles | mal-afortunado | sub-humano |
| cão de guarda | malcriado | subfaturar |
| carboidrato | malditoso | sub-reitor |
| causa-mortis (a...) | mal-entendido | sub-rogar |
| centroafricano | mal-estar | sul-africano |
| centro-africano | malgrado | superestrutura |
| circum-murado | mal-humorado | super-homem |
| circum-navegação | mal-informado | super-racional |
| coabitação | má-língua | super-resistente |
| coautor | mal-limpo | super-revista |
| cobra-d'água | malmequer | supraocular |
| coco-da-baía | malnascido | suprarenal |
| coedição | malpassado | suprassumo |
| coeducação | malpesado | T |
| coenzima | malquerer | tenente-coronel |
| coerdar | malquisto | tico-tico |
| coerdeiro | malsoante | tio-avô |
| coexistente | malvisto | tique-taque |
| coexistir | mandachuva | tomara que caia |
| cofator | manda-lua | U |
| coirmão | manda-tudo | ultraelevado |
| comum de dois | maria vai com as outras ultrarromântico | |
| conta-gotas | médico-cirurgião | ultrassecreto |
| contra-almirante | mesa-redonda | ultrassensível |
| contra-ataque | mestre-d'armas | ultrassom |
| contracheque | microcirurgia | ultrassonografia |
| contraexemplo | microempresa | V |
| contraindicação | microestrutura | vaga-lume |
| contraindicado | micro-ondas | vassoura-de-bruxa |
| contraofensiva | micro-organismo | verbo-nominal |
| contraoferta | microssistema | vice-almirante |
| contraordem | minicurriculo | vice-presidente |
| contrarregra | minissaia | vice-rei |
| contrassenha | minissérie | vira-casaca |
| contrassenso | multisegmentado | |
| coobrigação | N xique-xique | |
| coocupante | não agressão xique-xique | 12 |
| coocupar | não fumante Z | |
| cooptar | não me toques | 9 |
| cor de café com café | não violência zé-povinho | 10 |
| cor de leite com vinho | não-me-toques | |
| cor de vinho | neoafricano | zigue-zague |
| cor-de-rosa | neoexpressionista | zum-zum |
| couve-flor | neoimperialista | |
| criado-mudo | neo-ortodoxo | |
| | norte-americano | |

PATRONOS DO EVENTO:
 PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA e
 PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

| | | | | | | | |
|----|------------|--------------|---------------|--------|------------|----------|------------------|
| 1 | como | adjetivo | | ou | como | | advérbio. |
| 2 | preferível | esta | forma | a | "abrupto", | também | correta. |
| 3 | a | forma | carbo-hidrato | | também | está | correta. |
| 4 | | refere-se | à | | República | | Centro-africana. |
| 5 | | refere-se | à | região | central | da | África. |
| 6 | | como | substantivo | | ou | como | advérbio. |
| 7 | quando | significar | Índia | + | China; | indianos | chineses. |
| 8 | | | referente | | à | | Indochina. |
| 9 | | significando | "facilidade | | | de | magoar-se". |
| 10 | | | | | | | planta. |
| 11 | | | | | | | chocalho. |
| 12 | planta. | | | | | | |

apoiado nas obras: BECHARA, Evanildo. *O que muda com o Novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008. INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Escrevendo pela Nova Ortografia*. Rio de Janeiro/São Paulo, Houaiss/Publifolha, 2008. GOMES, Francisco Álvaro. *O Acordo Ortográfico*. Porto, Porto Editora, 2008.

NOVO CORRETOR ORTOGRÁFICO FLiP7: <http://www.flip.pt/Produtos/FLiP7/Pre%C3%A7os/tabid/211/Default.aspx>

FLiP 7 – Preços **Licenças Normal Atualização**

Licença Unitária (3 PCs) ² 69,96 € 48,97 €

Pode adquirir o FLiP 7 nas livrarias, lojas de informática e grandes superfícies. Se preferir, encomende o FLiP 7 através da Internet no [SectorZero](#) ou na [Wook](#).

Corretor Ortográfico Gratuito No Brasil (Vero)

<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/012009/05012009-12.shl>

Para baixar gratuito <http://www.baixaki.com.br/download/vero.htm>

TUDO SOBRE O NOVO ACORDO NO BRASIL

: http://educacao.ig.com.br/acordo_ortografico/